

Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura



Antônio José da Silva
"O Judeu"

Guerras do Alecrim e da Manjerona



Iba Mendes
www.poeteiro.com

Antônio José da Silva

Guerras do Alecrim e da Manjerona

(Teatro)

Publicado originalmente em 1737.

Antônio José da Silva
(1705 – 1739)

“Projeto Livro Livre”

Livro 287



Poeteiro Editor Digital
São Paulo - 2014
www.poeteiro.com



Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor luso-brasileiro Antônio José da Silva: *“Guerras do Alecrim e da Manjerona”*.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com

BIOGRAFIA

Antônio José da Silva nasceu no Rio de Janeiro (Brasil), em 8 de maio de 1705. Faleceu em Lisboa (Portugal), no dia 19 de outubro de 1739.

Mesmo batizado segundo o rito católico (embora de origem judaica), foi vítima da perseguição que dizimou a comunidade dos cristãos-novos do Rio de Janeiro em 1712. Em Lisboa, o dramaturgo foi preso pela Inquisição portuguesa juntamente com a sua mãe, a tia, o irmão André e a sua mulher Leonor Maria de Carvalho, que se encontrava grávida.

Era filho do advogado e poeta João Mendes da Silva, e pensa-se que teria mantido sua fé judaica secretamente. Sua mãe, Lourença Coutinho teve menos êxito. Acusada de judaísmo, foi deportada para Portugal onde foi processada pela Inquisição. O pai de Antônio decidiu então partir para Portugal, para estar próximo de sua mulher, levando o jovem Antônio consigo.

Estudou Direito na Universidade de Coimbra, onde se inscreveu em 1725. Interessado pela dramaturgia, escreveu uma sátira, o que serviu de pretexto às autoridades para prendê-lo, acusado de práticas judaizantes. Foi torturado, tendo ficado parcialmente inválido durante algumas semanas, o que o impediu de assinar a sua "reconciliação" com a Igreja Católica, acabando por fazê-lo em auto-de-fé.

Foi um escritor profícuo, tendo escrito sátiras, criticando a sociedade portuguesa da época. As suas comédias ficaram conhecidas como a obra do "Judeu" e foram encenadas frequentemente em Portugal nos anos da década de 1730. Influenciado pelas ideias igualitárias do Iluminismo francês, o dramaturgo ligou-se a um grupo de "estrangeirados", formado por eminentes figuras como o brasileiro Alexandre de Gusmão (1695-1753), o principal conselheiro do rei D. João V. Sua obra teatral inspirava-se no espírito e na linguagem do povo, rompendo com os modelos clássicos e incorporando o canto e a música como elemento do espetáculo. Uma delas foi "Vida do Grande Dom Quixote de La Mancha", representada em 1733. Oito de suas óperas, publicadas em 1744, em dois volumes, na série que ostenta o título *Theatro comico portuguez*, foram recuperadas em 1940, pelo pesquisador Luís Freitas Branco. Mais tarde o musicólogo Felipe de Souza confirmou a parceria de Antônio José com o Padre Antonio Teixeira, autor das músicas.

Em 1737, Antônio foi preso pela Inquisição, juntamente com a mãe e a esposa (Leonor de Carvalho, com quem casara em 1728, que era sua prima e também judia). A mãe e a mulher seriam libertadas posteriormente.

Foi novamente torturado. Descobriram que era circuncidado. Uma escrava negra testemunhou que ele observava o *Shabbat*. O processo decorreu com notória má-fé por parte do tribunal, sendo ele condenado, apesar de a leitura da sentença deixar transparecer que ele não seria, de fato, judaizante.

Como era regra com os prisioneiros que, condenados, afirmavam desejar morrer na fé católica, Antônio José da Silva foi garrotado antes de ser queimado num Auto-de-Fé em Lisboa em Outubro de 1739. Sua mulher, que assistiu à sua morte, morreria pouco depois.

A história deste autor inspirou Bernardo Santareno, ele próprio de origem judaica, a escrever a peça *O Judeu*, que, por sua vez, tem o mesmo título que a obra do romancista português Camilo Castelo Branco, que retrata a vida de varias gerações da família de Antônio José da Silva até à sua morte.

Mais recentemente, a vida de Antônio José da Silva foi encenada por Jom Tob Azulay no filme *O Judeu*, de 1995. No filme, Antônio José foi interpretado pelo ator Felipe Pinheiro, que faleceu ainda durante as filmagens.

Wikipédia
Abril, 2014 (editado)

GUERRAS DO ALECRIM E DA MANJERONA

COMÉDIA EM DUAS PARTES

Ópera Joco-Séria, que se representou no Teatro do Bairro Alto de Lisboa, no carnaval de 1737.

Interlocutores:

Dom Gilvaz

Dom Fuas

Dom Tibúrcio

Dom Lancelote, velho

Dona Clóris, Sobrinha de Dom Lancerote.

Dona Niza, Sobrinha de Dom Lancerote.

Sevadilha, Graciosa, Criada.

Fagundes, Velha, Criada.

Semicúpio, Gracioso, Criado de Dom Gilvaz.

PRIMEIRA PARTE

CENA I

Prado, com casario no fim. Entram Dona Clóris, Dona Nize, e Sevadilha, com os rostos cobertos; e Dom Fuas, Dom Gilvaz, e Semicúpio, seguindo-as.

DOM GILVAZ: Diana destes bosques, cessem os acelerados desvios desse rigor, pois quando rêmora me suspendeis, sois ímã, que me traís. *(Para D. Clóris).*

DOM FUAS: Flora destes prados, suspendei a fatigada porfia de vosso desdém, que essa discorde fuga com que me desenganais, é harmoniosa atração de meus carinhos; pois nos passos desses retiros forma compasso o meu amor. *(Para D. Nize).*

SEMICÚPIO: E tu, que vem atrás, serás o seringa destas brenhas; e para o seres com mais propriedade, deixa-te ficar mais atrás, pois apesar do esguichos de teu rigor, hei de ser conglutinado rabo-leva das tuas costas. *(Para Sevadilha).*

DONA CLÓRIS: Cavalheiro, se é que o sois, peço-vos, me não sigais, que mal sabeis o perigo a que me expõe a vossa porfia. *(Para D. G.)*

DOM GILVAZ: Galhardo impossível, em cujas nubladas esferas ardem ocultos dos sóis, e se abrasa patente um coração, permiti, que esta vez seja fineza a desobediência; porque seria agravo de vossos reflexos negar-lhe o inteiro culto

na visualidade desse esplendor; porque assim, formosa Ninfa, ou hei ver-nos, ou seguir-vos, porque conheça, já que não o sol desse oriente, ao menos o oriente desse sol.

DONA CLÓRIS: (*à parte*): Que será de mim, se este homem me seguir?

DONA NIZE: Já parece teima essa porfia; vede, senhor, que se me seguís, que impossibilitais o meio para ver-me outra vez.

DOM FUAS: Para que são, bellissimo encanto, esses avaros melindres do repúdio? Se já comecei a querer-vos, como posso deixar de seguir-vos? Pois até não saber, ou quem sois, ou aonde habitais, serei eterno girassol de vossas luzes.

SEVADILHA: Ora basta já de porfia, senão vou revirando. (*Para Semicúpio*).

SEMICÚPIO: Tem não, Sargeta encantadora, que com embiocadas denguiques, feita papão das almas, encobres olho e meio, para matares gene de meio olho; são escusados esses esconderelos, pois pela unha desse melindre conheço o leão desta cara.

DONA CLÓRIS: Isso já parece teima.

DOM GILVAZ: Isto é querer-vos.

DONA NIZE: Isso é porfia.

DOM FUAS: É adorar-vos.

SEVADILHA: Isto é empurração.

SEMICÚPIO: Agora, isto bichancrear, pouco mais ou menos.

DOM GILVAZ: Senhoras, para que nos cansamos? Ainda que pareça grosseria não obedecer, entendi que a nossa curiosidade e amor não permitirá que vos ausenteis sem ao menos com a certeza de vos tornarmos a ver, dando-nos também o seguro de onde morais, para que possa o nosso amor multiplicar os votos na peregrinação desses animados templos da formosura.

DOM FUAS: Eis aí, senhora, o que queremos.

SEVADILHA: Em termos, sem tirar nem pôr.

DONA CLÓRIS: Pois, senhor, se só por isso esperais, bastará que esse criado nos siga; porque de outra sorte destruí o mesmo que edificais.

DOM GILVAZ: E admitireis a minha fineza?

DONA CLÓRIS: Sendo verdadeira, por que não?

DOM FUAS: Admitireis os repetidos sacrifícios de meu amor?

DONA NIZE: Sim, se dita me abona?

Dom Gilvaz e DOM FUAS: Que essa dita me abona?

DONA NIZE: Este ramo de Manjerona.

DOM FUAS: Na minha alma o disporei, para que sempre em virentes pompas se ostente troféu da Primavera.

DOM GILVAZ: Mereça eu igual favor para segurança da vossa palavra.

DONA CLÓRIS: Este ramo de Alecrim, que tem as raízes no meu coração, seja o fiador que me abone.

DOM GILVAZ: Por único na minha estimação será este Alecrim o Fênix das plantas, que abrasando-se nos incêndios de meu peito, se eternizará no seu mesmo ardor.

SEMICÚPIO: Isso é bom, segurar o barco; mas a tácita hipoteca não me cheira muito, digam o que quiserem os jardineiros.

DONA CLÓRIS: Cada uma de nós estima tanto qualquer dessa plantas, que mais fácil será perder a vida, do que elas percam o crédito de verdadeiras.

SEMICÚPIO: Ai! Basta, basta, já aqui não está quem falou: vossa mercês perdoem, que eu não sabia que eram do rancho do Alecrim e Manjerona: resta-me também que tu, cozinheirinha, vivas arranchada com alguma ervinha, que me dê por prenda, pois também me quero segurar.

SEVADILHA: Eis, aí tem esse malmequer, que este é o meu rancho; estime-o bem, não o deixe murchar.

SEMICÚPIO: Ditoso seria eu, se o teu malmequer se murchasse.

DONA CLÓRIS: Pois, senhor, como estais satisfeito, desejarei estimásseis esse ramo não tanto como prenda minha, mas por ser de Alecrim.

DONA NIZE: O mesmo vos recomendo da Manjerona.

DONA CLÓRIS: Advertindo que aquele que mais extremos fizer a nosso respeito, coroará de triunfos a Manjerona, ou Alecrim, para que se veja qual destas duas plantas tem mais poderosos influxos para vencer impossíveis.

DONA NIZE: Desejara que triunfasse a Manjerona. (*Vai-se*).

DONA CLÓRIS: E eu o Alecrim. (*Vai-se*).

SEMICÚPIO: Cuidado no bem-me-quer.

DOM GILVAZ: Ó Semicúpio, vai seguindo-as para sabermos aonde moram; anda, não as percas de vista.

SEMICÚPIO: Elas já lá vão a perder de vista; mas eu pelo faro as encontrarei, que sou lindo perdigueiro para estas caçadas. (*Vai-se*).

DOM FUAS: Quem serão, Dom Gilvaz, essas duas mulheres?

DOM GILVAZ: Essa pergunta não tem resposta, pois bem vistes o cuidado com que vendaram o rosto para ferir os corações como Cupido; mas pelo bom tratamento, e asseio, indicam ser gente abastada.

DOM FUAS: Oxalá que assim fora; porque em tal caso, admitindo os meus carinhos, poderei com a fortuna de esposo ser meeiro no cabedal.

DOM GILVAZ: Ai, amigo Dom Fuás, que direi eu, que ando pingando, pois já não morro de fome, por não ter sobre que cair morto?

DOM FUAS: Elas foram aturdidas com palanfrórios.

DOM GILVAZ: Já que do mais somos famintos, ao menos sejamos fartos de palavras.

(*Entra Semicúpio*)

SEMICÚPIO: Já fica assinalada na carta de marear toda a Costa de Leste a Oeste, com seus cachopos, e baixios.

DOM GILVAZ: Aonde moram?

SEMICÚPIO: são as nossas vizinhas, sobrinhas de Dom Lancerote, aquele mineiro velho, que veio das minas o ano passado.

DOM FUAS: Basta que são essas! Por isso elas cobriram o rosto.

SEMICÚPIO: isso tem elas, que não são descaradas; antes são tão sisudas, que nunca encararam para ninguém.

DOM GILVAZ: uma delas sei eu, que se chama Dona Clóris.

SEMICÚPIO: e a outra Dona Nize, isso sabia eu há muito tempo.

DOM FUAS: e como saberei eu, qual delas é a da Manjerona?

SEMICÚPIO: isso é fácil, em sabendo-se qual é a do Alecrim, logo se sabe qual é a da Manjerona.

DOM FUAS: grande sutileza! Vamos Dom Gil.

SEMICÚPIO: já que se vão, advirtam de caminho, que segundo as notícias, que tenho, bem podem desistir da empresa; porque o velho é tão cioso das sobrinhas como do dinheiro; a casa é um recolhimento; as portas de bronze; as janelas de encerado; as frestas são óculos de ver ao longe, que nem ao perto se vêem; as trapeiras são zimbórios tão altos, que nem as nuvens lhe passam por alto; as paredes do jardim são mestras, e as chaves das portas discípulas, porque ainda não sabem abrir, ma só um bem há, e é, que tendo tudo tão forte, só o telhado é de vidro. Com que, senhores meus, outro ofício, contentem-se com cheirar a sua Manjerona e o seu Alecrim; que amor que entra pelo nariz, não é bem que chegue ao coração.

DOM GILVAZ: Semicúpio, não temo impossíveis, tendo da minha parte a tua indústria, que espero de ti apures toda a força de teu engenho para os combates dessa muralha.

SEMICÚPIO: Ah! Senhor Dom Gilvaz, o meu Aríete já se acha mui cansado com tanto vaivém, pois nem todo o artifício de minhas máquinas pode abrir brecha nessa diamantina bolsa, que tão cerrada se dificulta aos meus merecimentos.

DOM GILVAZ: Semicúpio amigo, tem ânimo, que se montamos a burra de Dom Lancerote, saltaremos de contentes.

SEMICÚPIO: tal é a minha desgraça e a sua miséria, que ainda com esta burra me dá dois coices.

DOM GILVAZ: Dom Fuas, ficai-vos embora, que me vou armar de esperanças, para que nos combates de amor triunfe o Alecrim.

DOM FUAS: D. Gil, vamos a forro, e a partido pois que Semicúpio é tão destro na matéria.

DOM GILVAZ: por ora não pode ainda ser; deixai-me primeiro tentar o vau, que vós também navegareis no mar de Cupido.

DOM FUAS: isso não merece a nossa amizade.

DOM GILVAZ: se vós sois do rancho da Manjerona, já me podereis conhecer por inimigo declarado, seguindo eu a parcialidade do Alecrim; e como nas guerras destas plantas havemos os dois ser contrários, mal poderei socorrer-vos; e assim, ficai-vos embora, Dom Fuas, e viva o Alecrim. *(vai-se)*

SEMICÚPIO: e viva o malmequer. *(vai-se)*

DOM FUAS: viverá a Manjerona apesar do mais intenso ardor de opostos Planetas.

(Entram Fagundes com manto e capelo)

FAGUNDES: e bom sumiço! Aonde estarão estas meninas, que há mais de quatro horas que foram à Missa, e ainda não há fumo delas? Meu senhor, vossa mercê acaso veria por aqui duas mulheres com uma criada?

DOM FUAS: Que sinais tinham?

FAGUNDES: Tinha uma delas uns sinais pretos no rosto, e a outra uns sinais de bexigas.

DOM FUAS: E que mais?

FAGUNDES: Uma delas tem os olhos verdes, cor de pimentão, que não está maduro, e a outra olhos pardos, com raiz de oliveira; uma tem cova na barba, e a outra barba na cova, uma tem espinhela caída, e a outra um leicinho num braço.

DOM FUAS: Com esses sinais, nunca vi mulher nesta vida.

FAGUNDES: Meu senhor, uma delas trazia um ramo de Alecrim no peito, e a outra de Manjerona.

DOM FUAS: Vi muito bem, que são as sobrinhas de Dom Lancerote.

FAGUNDES: Essas mesmas são: ora diga-me, aonde as viu?

DOM FUAS: Promete vossa mercê fazer-me quanto lhe eu pedir?

FAGUNDES: Ai, que coisa me pedirá vossa mercê, que lhe não faça, dizendo-me aonde estão as minhas meninas?

DOM FUAS: Pois descanse, que elas aqui estiveram, e agora foram para casa.

FAGUNDES: Ai, boas novas tenha.

DOM FUAS: Ora, pois, em alvíssaras desta boa nova quero me diga como se chama...

FAGUNDES: Eu? Ambrósia Fagundes, para servir a vossa mercê.

DOM FUAS: Digo, como se chama a que trazia a Manjerona no peito?

FAGUNDES: Chama-se Dona Nize.

DOM FUAS: Pois, Senhora Ambrósia Fagundes, saiba que eu adoro tão excessivamente a Dona Nize, que me prêmio do meu extremo me franqueou este ramo de Manjerona.

FAGUNDES: É verdade, que pelo cheiro o conheço, que é o mesmo.

DOM FUAS: E como me dizem os impossíveis, que há de a poder comunicar, quisera dever-lhe a galantaria de ser minha protetora nesta amorosa pretensão; e fie de mim, que o premio há de ser igual ao meu desejo.

FAGUNDES: Meu senhor, difícil empresa toma vossa mercê; porque além da excessiva cautela do tio, que nisto não se fala, uma delas está para casar com um primo, que hoje se espera de fora da terra, e a outra qualquer dia vai a ser freira; com que, meu senhor, desengane-se, que ali não há que arranhar.

DOM FUAS: E qual delas é a que casa?

FAGUNDES: Ainda se não sabe; porque o noivo vem à escolha daquela que lhe mais agradar.

DOM FUAS: Como o vencer impossíveis é próprio de um verdadeiro amante, nós havemos intentar esta empresa, saia o que sair; que a diligência é mãe de

boa ventura: favoreça-me vossa mercê, Senhora Fagundes, com o seu voto, que eu terei bom despacho no tribunal de Cupido; tenho dinheiro e resolução, e tendo a vossa mercê da minha parte, certo tenho o triunfo da Manjerona.

FAGUNDES: Pois por mim não se desmanche a festa, que eu não sou desmancha-prazeres; esta noite o espero debaixo da janela do cozinha; sabe onde é?

DOM FUAS: Bem sei.

FAGUNDES: Pois espere-me aí, que eu lhe direi o que há na matéria.

DOM FUAS: Deixe-me beijar-lhe os pés, ó insigne Fagundes, feliz corretora de Cupido.

FAGUNDES: Ai! Levante-se, senhor, não me beije os pés, que os tenho agora mui suados e um tanto fétidos; descanse, senhor, que Dona Nize há de ser sua apesar das cautelas do tio, e das carícias do noivo.

DOM FUAS: Se tal consigo, não tenho mais que desejar.

Canta Dom Fuás a seguinte ÁRIA

Se chego a vencer
De Nize o rigor,
De gosto morrer
Você me verá.

Porém se um favor
Alenta o viver,
Quem morre de amor
Mais vida terá. (*vai-se*)

FAGUNDES: Estes homens, tanto que são amantes, logo são músicos; e eu neste entendo terei boa melgueira; e mais eu que sou abelha mestra, que hei de chupar o mel da Manjerona, e do Alecrim.

CENA II

Câmara. Entram Dona Nize, Dona Clóris e Sevadilha.

SEVADILHA: Ai, senhora, que ainda não creio que estamos em casa, pois vimos mais tarde, não nos acha o senhor velho!

DONA CLÓRIS: Em boa nos metemos!

DONA NIZE: Nunca tal nos sucedeu; que te parece, Dona Clóris, a porfia daqueles homens em nos querer conhecer?

SEVADILHA: Sim, senhora, como se nós fossemos suas conhecidas.

DONA CLÓRIS: E a facilidade com que se namoram logo estes homens, é o que mais me admira!

SEVADILHA: Pois o maldito do Criado, que tanto se meteu comigo, como piolho por costura!

DONA CLÓRIS: Que te veio dizendo?

SEVADILHA: Mil despropósitos misturados com várias finezas esfarrapadas.

(Entra Fagundes com o manto apanhado no braço).

FAGUNDES: Ainda esses Alecrins, e Manjeronas, hão de dar nos narizes a muita gente.

DONA NIZE: Que diz, Fagundes?

FAGUNDES: Digo que bem escusados eram estes sustos: ora, digam-me, senhoras, se seu tio viesse, e as não achasse em casa, que seria de mim?

DONA CLÓRIS: Não falemos nisso, que ainda estou a tremer.

FAGUNDES: Apostemos, que isso foram conselhos desta senhora, que aqui está?

SEVADILHA: Apelo eu, que testemunho! Olhe o diabo da mulher, parece, que me te tomado à sua conta!

FAGUNDES: Coitada, como se desconjura!

SEVADILHA: Ainda por amor dela me hei de ir desta casa.

(Entra Dom Lancerote)

DOM LANCEROTE: Fagundes, depressa vá deitar mais um ovo nos espinafres, que aí vem meu sobrinho Dom Tibúrcio, já que sou tão desgraçado que por mais meia hora não chega depois de jantar.

FAGUNDES: Eu vou, meu senhor, mas cuido que o noivo a estas horas comerá novilho.

DOM LANCEROTE: Agora, minhas sobrinhas, é chegado o vosso esposo; não tenho que encomendar-vos o modo com que o haveis de tratar.

DONA CLÓRIS: (*à parte*) Já vem tarde.

DONA NIZE: (*à parte*) Veremos a cara a este noivo.

SEVADILHA: (*à parte*) Pois dizem que é um galante lapuz.

(*Entram Dom Tibúrcio com botas, vestido ridicularmente*).

DOM LANCEROTE: Amado sobrinho, dá-me os braços. É possível que veja a um filho de meu irmão!

DOM TIBÚRCIO: Sim, senhor; mas primeiro mande vossa mercê ter cuidado naquelas chouriças que vem no alforje, não as dizime o arrieiro, que tem em cada não cinco aguirrapantes.

DOM LANCEROTE: Isso me parece bem, seres poupado; eu vou a isso. (*vai-se*).

DONA CLÓRIS: Que te parece, Nize, a discrição do noivo?

DONA NIZE: Muito bom princípio leva.

SEVADILHA: (*à parte*) Parece que o seu gênio mais se casa com o alforje.

DOM TIBÚRCIO: (*à parte*) As primas não são más; porém a moça me toa mais.

(*Entra Dom Lancerote*)

DOM LANCEROTE: Sossegai, sobrinho, que já tudo está arrecadado.

DOM TIBÚRCIO: Agora sim; amado tio meu, por cujos humanos aquedutos circula em nacarados licores o sangue de meu progenitor, permiti, que os meus sequiosos lábios calculem esses pés, dedo por delo.

DOM LANCEROTE: Levantai-vos; sois discretos, meu sobrinho; pois vosso pai era um pedaço d'asno, Deus me perdoe.

DOM TIBÚRCIO: Não está mais na minha mão; em abrindo a boca me chovem os conceitos aos borbotões.

DOM LANCEROTE: Falai a vossas primas, e minhas sobrinhas, Dona Nize e Dona Clóris.

DOM TIBÚRCIO: Eu vou a isso.

Soneto

Primas, que na guitarra da constância
Tão iguais retinis no contraponto,
Que não há contraprima nesse ponto,
Nem nos porpontos noto dissonância.

Oh, falsas não sejais nesta jactância;
Pois quando atento os números vos conto,
Nessa beleza harmônica remonto
Ao plecto da Felina consonância:

Já que primas me sois, sede terceiras
De meu amor, por mais que vos agaste
Ouvir de um cavalete as frioleiras;

Se encordoais de ouvir-me, ó primas, baste
De dar à escaravelha em tais asneiras,
Que enfim isto de amor é um lindo traste.

DOM LANCEROTE: Também sois Poeta, meu sobrinho?

DOM TIBÚRCIO: Também temos nosso entusiasmo, senhor tio, isto cá é veia capilar e natural.

DOM LANCEROTE: Oh! Quanto me pesa que sejais Poeta, pois por força haveis de ser pobre.

DOM TIBÚRCIO: Agora, senhor, eu sou um rico Poeta. Pois, primas, que dizeis da minha eloqüência? Não me respondeis?

DONA CLÓRIS: Os Anjos lhe respondam.

DONA NIZE: Aí não há mais que dizer.

DOM TIBÚRCIO: Ah, senhor tio, essa rapariga é cá da obrigação da casa?

DOM LANCEROTE: É moça da almofada.

DOM TIBÚRCIO: Não é mal estreada; e que olhos que tem! Benza-te Deus!

SEVADILHA: Quer Deus que trago um corninho por amor do quebranto.

DOM LANCEROTE: Eu cuido, Sobrinho, que mais vos agrada a criada, do que a noiva.

DOM TIBÚRCIO: Tudo o que é desta casa me agrada muito.

DOM LANCEROTE: Agora vamos ao intento: Sabereis, minhas Sobrinhas, que vosso primo Dom Tibúrcio, filho de meu irmão D. Tifônio e de dona Pantaleoa Redoldan, a qual também era irmã de vosso pai, e meu irmão D. Blianis, vem a eleger uma de vós outras para esposa, pela mercê que me faz; que a ser possível casar com ambas, o fizera sem cerimônia, que pra mais é o seu primor.

DOM TIBÚRCIO: Por certo que sim, e não só com ambas, mas até com a criada; pois, como digo, desejo meter no coração tudo o que dor desta casa.

DOM LANCEROTE: Eu o creio, meu sobrinho; nisso saís a vosso Pai.

DONA CLÓRIS: (*à parte*) Não vi maior asno!

DONA NIZE: (*à parte*) Nem eu maior simples!

(*Diz dentro Semicúpio*)

SEMICÚPIO: Quem merca o Alecrim?

DONA CLÓRIS: Ó Sevadilha, chama a esse homem do Alecrim; anda depressa.

SEVADILHA: (*à parte*) Entrou no fadário!

DOM LANCEROTE: Sobrinho, não estranhais este excesso de minha sobrinha; porque haveis de saber, que há nesta terra dois ranchos. Um do Alecrim, outro da Manjerona, e fazem tais excessos por estas duas plantas, que se matarão umas às outras.

DOM TIBÚRCIO: E vossa mercê consente, que minha primas sigam essas parcialidades?

DOM LANCEROTE: Não vede que é moda, e como não custa dinheiro, bem se pode permitir?

DOM TIBÚRCIO: Bem sei que isso são verduras da mocidade, mas contudo não aprovo.

DOM LANCEROTE: E a razão?

DOM TIBÚRCIO: Não sei.

DONA CLÓRIS: Vossa mercê como vem com os abusos do monte, por isso estranha os estilos da Corte.

DONA NIZE: Calai-vos, mana, que ele há de ser o maior apaixonado que há de ter o alecrim e a Manjerona.

DOM TIBÚRCIO: Se eu enlouquecer, não duvido.

(Entram Semicúpio com um molho de Alecrim ao ombro).

SEMICÚPIO: Quem quer o Alecrim?

DONA CLÓRIS: Anda pra cá: tem mão, não o ponhas no chão.

SEMICÚPIO: Pois aonde o hei de pôr?

DONA CLÓRIS: Aqui no meu colo: ai, no chão o meu Alecrim? Isso não.

SEMICÚPIO: A real e meio, por ser para vossa mercê?

DONA CLÓRIS: Põe aí cinqüenta molhos.

SEMICÚPIO: Pelo que vejo, esta é Dona Clóris. *(à parte)* Eis aí tem todos os molhos; reparta lá com a senhora, que suponho também quererá o seu raminho.

DONA NIZE: Ai, tira-te para lá, homem, com esse mau cheiro.

SEMICÚPIO: *(à parte)* Já sei, que esta é a da Manjerona de Dom Fuas.

DOM TIBÚRCIO: Bem haja, minha prima, que não é destas invenções.

DOM LANCEROTE: Porque é da Manjerona, por isso aborrece o Alecrim.

DOM TIBÚRCIO: Resta-me que vossa mercê também tenha algum rancho.

DOM LANCEROTE: Olhai vós, não deixo cá de mim para mim de ter minha parcialidade.

SEMICÚPIO: Ora demos princípio à tramóia. (*à parte*). Ai, senhores, quem me acode?

DOM LANCEROTE: Que tens, homem?

SEMICÚPIO: ai, ai, confissão.

(Cai Semicúpio estrebuchando, fingindo um acidente)

DONA CLÓRIS: Coitado do homem! Que tens? Que te deu?

DONA NIZE: Tão venenoso é o teu Alecrim, que mata a quem o traz?

DOM LANCEROTE: Olá, tragam água.

(Entram Fagundes e Sevadilha com uma quarta).

SEVADILHA: Ai, senhores, que isto é acidente de gota coral!

SEMICÚPIO: (*à parte*) O coral dos teus lábios que acidentes não fará?

DOM LANCEROTE: A unha de grão besta é boa para isto.

DOM TIBÚRCIO: Puxem-lhe pelos dedos, que também é bom remédio.

(Dom Lancerote, Dom Tibúrcio, Sevadilha e Fagundes pegam em Semicúpio, e este com o estrebuchamento fará cair a todos).

DOM LANCEROTE: Mostra cá o dedo.

SEMICÚPIO: (*à parte*) Agradeço o anel.

DOM TIBÚRCIO: E a força que tem o selvagem!

SEVADILHA: Eu não posso com ele.

SEMICÚPIO: Lá vai o dedo polegar c'os diabos? Eu estou capaz de tornar a mim, antes que me deixem despedaçado.

DOM LANCEROTE: Borrifa-o, Fagundes.

FAGUNDES: Ora deixem-no comigo. (*Borrifa-o*).

SEMICÚPIO: Pó diabo! E o que fedem os borrifos da velha! A maldita parece que tem apostema no bofe.

DONA NIZE: Não se cansem, que ele não torna a si tão cedo.

SEMICÚPIO: Essa é a verdade.

FAGUNDES: Mas, pelo sim pelo não, eu lhe vazo esta quarta; que quando Deus quer, água fria é mezinha.

SEMICÚPIO: (*à parte*) Valha-te o diabo, que me deitaste água na fervura! Eu não tenho mais remédio, que aquietar-me, senão virá como remédio algum pau santo sobre mim.

FAGUNDES: Senhores, ele está mais sossegado depois da água, venham jantar que a mesa está posta.

DOM LANCEROTE: Vai buscar o meu capote, e cobre-o que está tremendo o miserável.

SEMICÚPIO: (*à parte*) É maravilha, que um miserável cubra ouro.

DOM TIBÚRCIO: Aquilo são convulsões; mas bom é cobri-lo por amor do ar.

(*Entra Fagundes com um capote*)

FAGUNDES: Eis ai o capote; se ele o babar, babado ficará.

SEMICÚPIO: (*à parte*) Anda, tola, que não me babo.

DOM LANCEROTE: Tu, Sevadilha, tem sentido neste homem, enquanto jantamos; vinde, Sobrinho. (*vai-se*).

DOM TIBÚRCIO: Vamos, que tenho uma fome horrenda. (*vai-se*)

DONA NIZE: É galante figura o tal meu primo. (*vai-se*).

DONA CLÓRIS: Fagundes, agasalha esse alecrim. (*vai-se*).

FAGUNDES: Tanto me importa; se fora Manjerona, ainda, ainda. (*vai-se*).

SEVADILHA: Só isto me faltava, ficar eu guardando a este defunto!

SEMICÚPIO: Vejamos quem é esta Sevadilha, que ficou por minha enfermeira. Ai que suponho que é a menina do malmequer, que lá traz um no cabelo. Vamo-no erguendo, por ver se nos quer bem. (*vai-se erguendo*).

SEVADILHA: Deite-se, deite-se. Ai, que o homem tem frenesis! Acudam cá.

SEMICÚPIO: Cala-te, Sevadilha, não perturbes esta primeira ocasião de meu amor.

SEVADILHA: Deixe-se estar coberto.

SEMICÚPIO: Bem sei, que o calafrio de meu amor é tão grande, que se pode cobrir diante d'El-Rei; mas confesso-te que já não posso aturar o gravame deste capote.

SEVADILHA: Ai, que o homem está louco, e furioso!

SEMICÚPIO: A fúria com que te ausentas me faz enlouquecer; não fujas, Sevadilha, que eu sou aquele sujeito do malmequer, e tão sujeito aos teus impérios, que sou um criado de vossa mercê.

SEVADILHA: Eu te arrenego, maldito homem! Tu és o desta manhã?

SEMICÚPIO: Cuidavas que não havia saber modo para ver-te?

SEVADILHA: Queres que vá chamar a Dona Clóris, ou Dona Nize?

SEMICÚPIO: Logo irás chamar a Dona Clóris, mas primeiro atende à chama de meu amor que se o fogo tem línguas, e as paredes tem ouvidos, bem pode a dura parede de teu rigor escutar a labareda em que me abraso: muita coisinha te poderia eu dizer; porém a ocasião não é para isso.

SEVADILHA: Nem eu estou para essoutro.

SEMICÚPIO: Eu o dissera, que o teu malmequer não é para menos.

SEVADILHA: Nem a tua pessoa é para mais.

SEMICÚPIO: Pois isso é deveras? Olha, que desconfio.

SEVADILHA: Bem aviada estou eu! Bom amante tenho! Bonito eras tu para aturar vinte anos de desprezos, como há muitos que aturam, levando com as janelas nos narizes, dormindo pelas escadas, aturando calmas, sofrendo geadas, apurando-se em Romances, dando descantes, feitos estátuas de amor no templo de Vênus, e contudo estão muito contentes da sua vida; e assim para que me buscas?

SEMICÚPIO: Para que me desenganes, se me queres, ou não.

SEVADILHA: Pergunta-o ao malmequer, que ele t'ó dirá.

SEMICÚPIO: Se eu o tivera, aqui, fizera esta experiência.

SEVADILHA: E onde está o que eu te dei?

SEMICÚPIO: Lá o tenho empapelado, que cuido que o ar m'ó leva.

SEVADILHA: Assim te leve o diabo.

SEMICÚPIO: Levará que é muito capaz disso. Pois em que ficamos? Bem me queres, ou mal me queres?

SEVADILHA: Apanha aquele malmequer, que está junto àquela porta, e pergunta-lho, que ele to dirá.

SEMICÚPIO: Pois acaso nas folhas do malmequer, estão escritos os teus amores, ou os teus desdéns?

SEVADILHA: Da mesma sorte que a buena dicha na palma da mão.

SEMICÚPIO: Eu vou apanhar o dito malmequer. (*vai-se*)

SEVADILHA: Quem me dera que ficasse em malmequer para o fazer andar à prática!

(*Entra Semicúpio com um malmequer*)

SEMICÚPIO: Eis aqui o malmequer: ora vamos a isso; que se há flores que são desengano da vida, esta o será do amor. Sevadilha, toma sentido, vê se fica no bem-me-quer.

SEVADILHA: Isto é como uma sorte.

SEMICÚPIO: Queira Deus não se converta o malmequer em azar. Tem sentido.

SEVADILHA: Amor, se sai a coisa como eu quero, eu te prometo um arco de pipa, e uma venda nos Remolares em que ganhes muito dinheiro.

Canta Semicúpio a seguinte

Ária

Oráculo de amor
Propício me responde
Nas ânsias deste ardor
Bem me queres, mal me queres
Bem me queres, disse a flor.
Ai de mim, que me quer mal
Teu ingrato malmequer!
Acabou-se o meu cuidado,
Que mais tenho que esperara?
Vou-me agora regalar,
Levar boa vida, comer, e beber.

(Entra Dona Clóris)

DONA CLÓRIS: Oh! Quanto folgo que já estejas bom!

SEMICÚPIO: E tão bom que parece que nunca tive nada.

DONA CLÓRIS: Com que saraste?

SEMICÚPIO: Com o mesmo mal; porque também há males que vêm por bem.

DONA CLÓRIS: Que dizes, que te não entendo? Estás louco?

SEMICÚPIO: Meu amo ainda o está mais do que eu, desde que te viu assim por maior esta manhã; e assim para significar-te a tremendíssima eficácia de seu amor, aqui me manda a teus pés, minto, aos teus átomos, para que com os disfarces do Alecrim possa merecer os teus agrados.

DONA CLÓRIS: Sevadilha, põe-te a espreitar não venha alguém.

SEVADILHA: Sim Senhora. Arrelá como ardil do homem! *(vai-se)*

DONA CLÓRIS: E quem é esse teu ano que tanto me adora?

SEMICÚPIO: É o Senhor Dom Gilvaz, cavalheiro de tão lindas prendas, com *verbi gratia* Londres e Paris.

DONA CLÓRIS: Que ofício tem?

SEMICÚPIO: Há de ter um de defuntos, quando morrer.

DONA CLÓRIS: E enquanto vivo, em que se ocupa?

SEMICÚPIO: Em morrer por vossa mercê.

DONA CLÓRIS: Fala a propósito.

SEMICÚPIO: Senhora, meu amo não necessita de ofícios para manter os seus estados, porque tem várias propriedades consigo muito boas; além disso tem uma quinta na semana, que fica entre a quarta e a sexta, tão grande que é necessário vinte e quatro horas, para se correr toda.

DONA CLÓRIS: Quanto fará toda de renda?

SEMICÚPIO: Não se pode saber ao certo; sei que tem várias rendas em Flandres, e outras em Peniche, e estas bem grossas; também tem um foro de fidalgo, e um juro de nobreza.

DONA CLÓRIS: Basta que é fidalgo?

SEMICÚPIO: Como as estrelas, que as vê ao meio-dia, e as estas horas não vê outra coisa; e certamente lhe posso dizer que é tão antiga a sua descendência, que diz muita gente, que descende de Adão.

DONA CLÓRIS: Se isso é assim, talvez, que me incline a quere-lo para meu esposo.

SEMICÚPIO: Venha a resposta, senhora, que meu amo está esperando com língua de palmo.

DONA CLÓRIS: Pois ouve o que lhe há de dizer.

Canta Dona Clóris a seguinte

Ária

Dirás ao meu bem,
Que não desconfie,
Que adore, que espere,

Que não desespere,
Que à sua firmeza
Constante serei.
Que firme eu também
A tanta fineza
Amante, constante
Extremos farei. (*vai-se*)

SEMICÚPIO: Vencido está o negocio; mas o capote do velha cá não há de ficar por vida de Semicúpio; que se a ocasião faz o ladrão, hei de sê-lo por não perder a ocasião. (*vai-se com o capote*).

(*Entra Sevadilha*)

SEVADILHA: Espera, homem, onde levas o capote? E foi-se como um cesto rosto? Ai, mofina desgraçada, que há de ser de mim se meu amo não achar o seu rico capote?

(*Entra Dom Lancerote*)

DOM LANCEROTE: Já sarou o homem, Sevadilha?

SEVADILHA: Sim, Senhor.

DOM LANCEROTE: Já se foi?

SEVADILHA: Sim, Senhor.

DOM LANCEROTE: Guardaste o capote?

SEVADILHA: (*à parte*) Ai é ela.

DOM LANCEROTE: Não ouves? Guardaste o capote?

SEVADILHA: Qual capote?

DOM LANCEROTE: O meu.

SEVADILHA: Qual meu?

DOM LANCEROTE: O meu de Saragoça.

SEVADILHA: Ah sim, o capote do homem do Alecrim?

DOM LANCEROTE: Qual homem?

SEVADILHA: O do acidente.

DOM LANCEROTE: Tu zombas?

SEVADILHA: Zombaria fora, o homem levou o capote.

DOM LANCEROTE: O meu capote?

SEVADILHA: Eu não sei, se ele era de vossa mercê, o que sei é que o homem do Alecrim levou um capote, com que estava coberto.

DOM LANCEROTE: E como o levou?

SEVADILHA: Nos ombros.

DOM LANCEROTE: O meu capote furtado?

SEVADILHA: Pois nunca se viu furtar um capote?

DOM LANCEROTE: Não, bribantona, que era um capote aquele que nunca ninguém o furtou. Oh, dia infeliz, dia aziago, dia indigno de que o Sol te visite com os seus raios!

SEVADILHA: Santa Bárbara!

DOM LANCEROTE: Tu, descuidada, há de por para ali o meu capote, ou do corpo t'ó hei de tirar.

SEVADILHA: Como m'ó há de tirar do corpo se eu o não tenho?

DOM LANCEROTE: Desta sorte.

Cantam Dom Lancerote e SEVADILHA: a seguinte

Ária a duo

DOM LANCEROTE:

Moça tonta, descuidada.

SEVADILHA:

Há mulher mais desgraçada

Neste mundo? Não, não há.

DOM LANCEROTE:

Se não dás o meu capote,

Tua capa hei de rasgar.
SEVADILHA:
Não me rasgue a minha capa.
DOM LANCEROTE:
Dá-me, moça o meu capote.
SEVADILHA:
Minha capa.
DOM LANCEROTE:
Meu capote.
AMBOS:
Trata logo de o pagar.
DOM LANCEROTE:
Meu capote assim furtado!
SEVADILHA:
Meu adorno assim rasgado!
AMBOS:
Que desgraça!
DOM LANCEROTE:
Contra a moça.
SEVADILHA:
Contra o velho.
AMBOS:
A justiça hei de chamar:
Meu capote donde está? (*vão-se*).

CENA III

Praça: no fim haverá uma janela. Entra Dom Gilvaz embuçado.

DOM GILVAZ: disse a Semicúpio que aqui o esperava; mas tarda tanto que entendo o apanharam na empresa. Mas, se será aquele, que ali vem? Não é Semicúpio que ele não tem capote. Quem será?

(Entra Semicúpio embuçado em um capote).

SEMICÚPIO: Lá está um vulto embuçado no meio do caminho; queira Deus não me chegue ao vulto; não sei se torne para trás, mas pior é mostrar covardia; eu faço das tripas coração; vou chegando, mas sempre de longe.

DOM GILVAZ: Ele se vem chegando, e eu confesso que não estou todo trigo.

SEMICÚPIO: Este homem não está aqui para bom fim; eu finjo-me valente: afaste-se lá, deixe-me passar, aliás o passarei.

DOM GILVAZ: Vossa mercê pode passar.

SEMICÚPIO: ai, que é D. Gil! Pois agora farei com que me tenha por valoroso. Quem está aí? Fale, quando não despeça-se desta vida que o mando para a outra.

DOM GILVAZ: Primeiro perderá a sua, quem me intenta reconhecer.

SEMICÚPIO: Tenha mão, Senhor Dom Gilvaz, que sou Semicúpio.

DOM GILVAZ: Se não falas, talvez que a graça te saísse cara.

SEMICÚPIO: Igual vossa mercê, que se o não conheço pela voz, sem dúvida, Senhor Dom Gilvaz, lhe prego como o seu nome na cara.

DOM GILVAZ: Deixemos isso, dá-me novas de Dona Clóris; dize, pudeste dar-lhe o recado?

SEMICÚPIO: Não sabe que sou o César dos alcoviteiros? Fui, vi e venci.

DOM GILVAZ: Dá-me um abraço, meu Semicúpio.

SEMICÚPIO: Não quero abraços, venham as alvíssaras, senão emudeci como Oráculo.

DOM GILVAZ: Em casa t'as darei; conta-me primeiro, que fazia Dona Clóris?

SEMICÚPIO: Isso são contos largos, estava toda rodeada de braseiros de Alecrim, com um grande molho dele no peito, cheirando a Rainha de Hungria, mascando Alecrim como quem masca tabaco de fumo; e como acabava de jantar, vinha palitando com um palito de Alecrim e, finalmente, senhor, com o Alecrim anda toda tão verde como se tivera tirícia.

DOM GILVAZ: E do mais que passaste?

SEMICÚPIO: Isso é para mais de vagar, basta que saiba por ora que apenas lancei o anzol no mar da simplicidade de Dona Clóris, picando logo na minhoca do engano, ficou engasalhada com o engodo d Emil patranhas que lhe encaixei à mão tente.

DOM GILVAZ: Incríveis são as tuas habilidades: e que capote é esse?

SEMICÚPIO: Este é o despojo do meu triunfo; joguei com o velho os centos, e ganhei-lhe este capote; e se vossa mercê soubera a virtude que ele tem, pasmaria.

DOM GILVAZ: Que virtude tem?

SEMICÚPIO: É um grande remédio para sarar acidentes de gora coral.

DOM GILVAZ: Conta-me isso.

(Entra Dom Fuas embuçado)

DOM FUAS: Esta é a janela da cozinha de Dona Nize, que apesar da escuridade da noite a conhece o meu instinto pelos eflúvios odoríferos que exala a Pancava daquela Fênix.

DOM GILVAZ: Semicúpio, um homem ao pé da janela de Dona Clóris? Isto não me cheira bem.

SEMICÚPIO: Como lhe há de cheirar bem, se isto é um monturo?

(Aparece Fagundes à janela)

FAGUNDES: Cê, é vossa mercê mesmo?

DOM FUAS: Sou eu mesmo, e não outro, que impaciente espero novas de meu bem.

DOM GILVAZ: Não ouviste aquilo, Semicúpio.

SEMICÚPIO: Aquilo é que não cheira bem, Senhor Dom Gilvaz.

FAGUNDES: Não basta que vossa mercê diga que é mesmo, é necessário a senha, e a contra-senha.

DOM FUAS: Pois atenda.

Canta Dom Fuas o seguinte

Minueto

Já que a fortuna
Hoje me abona, a Manjerona,
Quero exaltar.

No seu triunfo
Que a fama entoa,
Palma, e coroa
Há de levar.

Há de por certo,
Que a sua rama
Na voz da fama
Sempre andar.

DOM GILVAZ: Este é Dom Fuas, pela senha da Manjerona: que te parece, Semicúpio, o quanto tem adiantado o seu amor?

SEMICÚPIO: Quidquid sit, o primeiro milho é dos pássaros, o segundo é cá para os melros.

FAGUNDES: Suba por essa escada. (*Lança a escada*).

DOM FUAS: Segure bem. (*sobe*).

SEMICÚPIO: Senhor Dom Gil, agora é tempo de subir também pois estamos em era de atrepar; não perca a ocasião.

DOM GILVAZ: Vem tu também. (*sobe*).

SEMICÚPIO: Eu também vou a render à escala vista esse castelo de Cupido.

FAGUNDES: Tenha mão, senhor, que é o que quer?

DOM GILVAZ: Manjerona.

FAGUNDES: Vossa mercê, meu fidalgo, quem procura?

SEMICÚPIO: Também Manjerona, em lugar de Sevadilha, que tudo faz bom tabaco.

FAGUNDES: Isto cá está por estanque, não entra quem quer.

SEMICÚPIO: Se não entra quem quer, entrará quem não quer.

FAGUNDES: Vá-se daí, que não conheço Framengos à meia-noite.

SEMICÚPIO: Tem mão, não me empurres.

FAGUNDES: Não há de entrar.

SEMICÚPIO: Ó mulher, não me precipites, que sou capaz de te escalar.

FAGUNDES: Vá-se c'os diabos, seja quem for.

(Empurra a escada, que cai com Semicúpio)

SEMICÚPIO: Ai, que me derreaste, bruxa infernal! Tu me pagarás o semicúpio que me fizeste tomar. Estes são os ossos do ofício; mas para que tudo não sejam ossos, vamos levando esta escada, que sempre valerá alguma coisa: ao menos se não morri da queda, vou para casa em uma escada.

(Vai-se Semicúpio e leva a escada)

CENA IV

Gabinete. Entra Fagundes trazendo pela mão a Dom Fuas, e de trás virá Dom Gilvaz embuçado.

FAGUNDES: Pise de mansinho; que se acorda, será para no enforcar.

DOM FUAS: Recontou a Dona Nize os extremos, com que a idolatro?

FAGUNDES: Não me ficou nada no tinteiro: meu senhor, nessa matéria tenho tanta elegância que sou outra Marca Túlia Cicerona.

DOM FUAS: Ai, Fagundes, se casará D. Nize com o primo! Mas quem está aqui atrás de nós?

DOM GILVAZ: *(à parte)* Não quero dar-me a conhecer a Dom Fuas, por ver se com os zelos desiste da empresa, para que só triunfe o Alecrim.

DOM FUAS: Cavalheiro, vós daqui não haveis de passar, ou ambos ficaremos aqui mortos, sem dizer-me primeiro o que buscais nesta casa?

DOM GILVAZ: O mesmo que vós buscais.

DOM FUAS: O que eu busco, não vos pode pertencer.

DOM GILVAZ: Nem o que me pertence, podeis vós buscar.

FAGUNDES: Senhores meus, acomodem-se que pode acordar o Senhor Dom Lancerote, e o dano será de todos.

DOM FUAS: Queres que me cale à vista dos meus zelos?

(Entra Dona Nize)

DONA NIZE: Que ruído é este, Fagundes?

DOM FUAS: Sinto, Senhora Dona Nize, que a primeira vez que me facilitais esta fortuna, me hospedeis com zelos.

DONA NIZE: Nos sei que motivo haja para os haver.

DOM FUAS: És senhor embuçado que aqui me vem seguindo, e diz que procura o mesmo que eu busco.

DONA NIZE: Sabe ele porventura o que vós procurais?

DOM FUAS: Ele que diz que sim, certo é que o sabe.

DONA NIZE: Senhor, vós acaso vindes aqui a meu respeito? *(Para D.Gil)*.

DOM GILVAZ: *(À parte)* Nada hei de responder.

DOM FUAS: Quem cala consente: não averigüemos mais, Senhora Dona Nize, só sinto que a sua Manjerona admita enxertos de outras plantas.

DONA NIZE: Esse é o pago que me dais, de admitir a vossa correspondência, de obrar este excesso a vosso respeito, e de me expor a este perigo por vossa causa?

DOM FUAS: Melhor fora desenganar-me que essa era a melhor fineza que vos podia merecer.

DONA NIZE: Pois eu digo-vos que estou inocente, que não conheço este homem; e me parece que basta dizê-lo, para me acreditares.

DOM FUAS: E bastava ver eu o contrário, para não acreditar essas desculpas.

DONA NIZE: Pois visto isso, fiquemos como dantes.

DOM FUAS: De que sorte?

DONA NIZE: Desta sorte.

Canta Dona Nize a seguinte

Ária

Suponha, senhor,
Que nunca me viu,
E que é o seu amor
Assim como a flor,
Que apenas nasceu,
E logo murchou.

Pois tanto me dá
De seu pretender,
Que firme suponho
Seria algum sonho,
Que pouco durou. (*Vai-se*).

DOM FUAS: Nize cruel, isto ainda é maior tirania; escutam-me. (*Vai-se*).

FAGUNDES: Vá lá dar-lhe satisfações que ela é bonita para essas graças. E vossa mercê, senhor rebuçado, a que sim quis profanar o sagrado desta casa?

DOM GILVAZ: a ver o bem que adoro.

FAGUNDES: Vossa mercê está zombando? Aqui não há quem possa ser amante de vossa mercê; pois bem vê o recato e honra desta casa.

DOM GILVAZ: Eu bem vejo o recato e honra desta casa. Que? Aquilo de subir um homem por uma anela, e ir-se para dentro atrás de uma mulher, não é nada?

FAGUNDES: Aquele homem é primo carnal da Senhora Dona Nize.

DOM GILVAZ: Pois eu também quero ser muito conjunto da Senhora DONA CLÓRIS: ora faça-me o favor de a ir chamar.

FAGUNDES: Que diz? A Senhora Dona Clóris? Olha tu lá, Dona Clóris não te enganes; sim, a outra, que anda coberta de cilícios, jejuando a pão e água; tire daí o sentido, meu senhor.

DOM GILVAZ: Se a não dores chamar, a irei eu buscar.

FAGUNDES: Ai, senhor, vossa mercê tem alguma legião de diabos no corpo? E que remédio tenho senão chamá-la, antes que o homem faça alguma asneira, que ele tem cara de arremeter. (*Vai-se*).

DOM GILVAZ: Venha logo, que eu não posso esperar muito tempo. A velha queria corretagem: basta que lh'a dê Dom Fuas.

(*Entra Dona Clóris*)

DONA CLÓRIS: Senhor, vossa mercê, que pretende com tantos excessos? A quem procura?

DOM GILVAZ: Eu, Senhora Dona Clóris, sou Dom Gilvaz, aquele impaciente amante, que atropelando impossíveis vem, qual salamandra de amor, a abraçar-se nas chamas do seu Alecrim, como vítima da mesma chama.

DONA CLÓRIS: Senhor Dom Gilvaz, como entendo o seu amor só se encaminha ao licito fim de ser meu esposo, por isso lhe facilito os meus agrados, mas não tão francamente que primeiro não haja de experimentar no crisol da constância os raios do seu amor.

DOM GILVAZ: Mui pouco conceito fazeis da vossa beleza; pois se antes de admirar essa formosura em ocultas simpatias soubestes atrair todos os meus afetos, como depois de admirar o maior portento de perfeição, poderia haver em mim outro cuidado mais, que o de adorar-vos com tão imóvel constância, que primeiro se moverão as estrelas fixas que sejam errantes as minhas adorações?

DONA CLÓRIS: Isto é de veras, Senhor Dom Gil?

DOM GILVAZ: Se eu morro de veras, como hei de falar zombando?

Soneto

Tanto te quero, ó Clóris, tanto, tanto;
E tenho neste tanto tanto tanto,
Que me cuidar que te perco, me espavento,
E em cuidar que me deixas, me ataranto.

Se não sabes (*ai, Clóris*) o quanto o quanto
Te idolatra rendido o pensamento,
Digam-te os meus suspiros cento a cento.
Soletre-o nos meus olhos pranto a pranto.

O quem pudera agora encarecer-te
Os esquisitos modos de adorar-te
Que o amor soube inventar para quere-te!

Ouve, Clóris; mas não, que hei de assustar-te;
Porque é tal o meu incêndio, que ao dizer-te
Ficaras no perigo de abrasarte.

DONA CLÓRIS: Senhor D. Gil, as suas finezas por encarecidas perdem a
estimação de verdadeiras; que quem a língua tão solta para os encarecimentos,
terá presa a vontade para os extremos.

DOM GILVAZ: Como há de haver experiências na minha constância, serão os
sucessos de minhas finezas os cronistas de meu amor.

Canta Dom Gilvaz a seguinte:

Ária

Viste, ó Clóris, a flor gigante,
Que procura firme, amante,
Seguir sempre a luz do Sol?
Sol, que gira, são teus raios,
E meu peito girassol.

Mas, ai, Clóris, que a luz pura
De teus raios mais se apura
De meu peito no crisol.

DONA CLÓRIS: Cessa, me bem, de encarecer-me o teu amor, já sei são
verdadeiras as tuas expressões. Oh, se eu tivera a fortuna, que essas vozes as
não levasse o vento para aumentar com elas a força de sua inconstância!

(Entra Sevadilha)

SEVADILHA: É bem feito! É bem empregado!

DONA CLÓRIS: O que, Sevadilha?

SEVADILHA: O senhor, que está acordado.

DONA CLÓRIS: Não pode ser a estas horas; não te creio, que és uma medrosa.

SEVADILHA: Falo verdade e não minto.

Canta Sevadilha a seguinte:

Ária

Senhora, que o velho,
Se quer levantar!
Mofina de mim,
Que ouvi escarrar,
Falar, e tossir!
Senhor, vá-se embora, *(Para D.Gil)*
Vá já para fora,
Senão o papão,
Nos há de engolir.

FAGUNDES: Ui, senhores, isto é coisa de brinco? O senhor seu tio está com tamanho olho aberto que parece um leão, que está dormindo; deite fora esse homem e venha-se agasalhar, que já vem amanhecendo.

DONA CLÓRIS: Pois deem fora da D.Gil: me bem, estimarei que as suas obras correspondam às suas palavras. *(Vai-se)*.

(Entram Dona Nize e Dom Fuas)

DONA NIZE: Fagundes, encaminha a Dom Fuas, que meu tio está acordado.

DOM FUAS: *(à parte)* Ainda o embuçado aqui está? É para ver! ah, cruel!

DONA NIZE: Anda, Fagundes.

FAGUNDES: Senhora, que não há escada para descerem.

DONA NIZE: E aquela por onde subiu, aonde está?

FAGUNDES: Empurrei-a com um homem, que também queria subir.

DOM GILVAZ: *(à parte)* Devia ser Semicúpio.

DOM FUAS: Pois como há de ser?

SEVADILHA: Não há mais remédio, que saltar pela janela.

FAGUNDES: Mas vejam não caiam no alfuje.

DOM GILVAZ: (*à parte*) Em boa estou metido!

DOM FUAS: Aonde está a chave da porta?

SEVADILHA: A chave tem guardas e está agasalhada no travesseiro do velho, por não dormir numa porta.

DOM LANCEROTE: Fagundes, venha abrir esta janela, que já vem amanhecendo. (*Dentro*)

FAGUNDES: Eis aqui mercês o que quiseram!

DOM LANCEROTE: Fagundes, que faz, que não vem? (*Dentro*)

FAGUNDES: Estou enxotando o gato da vizinha: sape gato. Senhores escondam-se aonde for.

DONA NIZE: ai, que desgraça!

DOM LANCEROTE: (*Dentro*) Sevadilha, que é isto lá?

SEVADILHA: (*Dentro*) É o gato da vizinha: sape gato.

SEMICÚPIO: (*Dentro*) Abram a porta que se queima a casa: fogo, fogo!

FAGUNDES: Ai, que há fogo na casa! São Marçal.

DONA NIZE: Eu estou morta!

DONA CLÓRIS: Ai, que se queima a casa, que desgraça! (*Entra*).

DOM FUAS: Pior é esta!

DOM GILVAZ: Há horas minguadas!

SEMICÚPIO: (*Dentro*) Abram a porta, que há fogo, fogo!

SEVADILHA: Mofina de mim, que lá vão os meus tarecos.

SEMICÚPIO: (*Dentro*) Não ouvem? Pois lá vai a porta pela porta fora. (*Entra Semicúpio com uma quarta às costas, e ao mesmo tempo sai Dom Lancerote em fralda de camisa, e Dom Tibúrcio embrulhado em um lençol, com uma candeia de garavato na mão*).

SEMICÚPIO: Fogo!fogo!

FAGUNDES: Adonde é, meu senhor?

DOM TIBÚRCIO: Que é isto cá?

DOM LANCEROTE: Fogo aonde, se eu não veja fumo?

SEMICÚPIO: Como há de ver o fumo, se o fumo faz não ver?

DOM TIBÚRCIO: Aqui me cheira a Alecrim queimado.

DOM LANCEROTE: Dizes bem; Clóris, acendeste algum Alecrim?

DONA CLÓRIS: Eu, senhor, não... foi... porque sempre...

DOM LANCEROTE: Cala-te, que eu perei o Alecrim com dono; há mais mofino homem! Lá vai o suor de tantos anos.

SEMICÚPIO: Com ele podia vossa mercê apagar este fogo.

DOM GILVAZ: (*à parte*) Estou admirado de ver a traça de Semicúpio!

DOM TIBÚRCIO: Senhores, acudamos a isto, que se acaba a torcida.

DOM LANCEROTE: Vede, sobrinho, ainda assim não se entorna o azeite.

DONA NIZE: Ai, os meus craveiros de Manjerona!

DONA CLÓRIS: Ai, os meus olhos de Alecrim!

FAGUNDES: Ai, a minha canastra!

SEVADILHA: Ai, os meus tarequinhos!

DOM LANCEROTE: Ai, a minha burra!

DOM TIBÚRCIO: Ai, o meu alforje!

SEMICÚPIO: Ai com tanto ai! Senhores, aonde é o fogo?

DOM LANCEROTE: Vejam, vossas mercês, bem por essas casas aonde será.

SEMICÚPIO: Entremos, senhores, antes que se ateie o incêndio.

Dom Gilvaz e DOM FUAS: Vamos.

(Saem Semicúpio, Dom Fuas e Dom Gilvaz e logo tornam a entrar)

DOM LANCEROTE: Vereis vós, trampozinha, que fim leva o Alecrim.

DONA CLÓRIS: O Alecrim não tem fim, que nunca murcha.

(Entram os três)

DOM GILVAZ: Não se assustem, que não é nada.

DOM FUAS: Já se apagou, Deus louvado.

DOM LANCEROTE: Aonde foi? *(O fogo)*

SEMICÚPIO: Foi no almofariz, que estava ao pé da isca.

SEVADILHA: Pois eu não fui que a petisquei.

FAGUNDES: Pois eu nem no ferrolho.

SEMICÚPIO: Pois eu ainda estou em jejum.

DOM LANCEROTE: Ora, meus senhores, vossas mercês me vivam muitos anos pela honra que me fizeram.

DOM GILVAZ: Sempre buscarei ocasiões de servir a esta casa. *(vai-se)*.

DOM FUAS: E eu não menos. *(vai-se)*.

SEMICÚPIO: Agradeça-nos a boa vontade, não mais.

FAGUNDES: Se não houvessem boas almas, já o mundo estava acabado.

DONA CLÓRIS: *(à parte)* Eu estou pasmada do sucesso!

DONA NIZE: *(à parte)* E eu não estou em mim!

DOM TIBÚRCIO: Ora, com licença, meus senhores, que me vou pro em fresco. *(vai-se)*.

DOM LANCEROTE: Eu, todavia, ainda não estou sossegado. Viu nossa mercê bem na chaminé?

SEMICÚPIO: Para que vossa mercê descanse de todo, vazarei esta quarta nos narizes daquela velha, que são duas chaminés.

FAGUNDES: Ai, que me ensopou! Senhor, que mal lhe fiz?

SEMICÚPIO: É dar-lhe a molhadura de certa obra.

DOM LANCEROTE: Que fez vossa mercê?

SEMICÚPIO: Deixe, senhor; isto é par que se lembre e tenha cuidado no fogo, que facilmente se pode atear por um acidente.

FAGUNDES: Vou mudar de camisa. (*vai-se*).

DONA NIZE: Tomara aproveitar os cacos para a minha Manjerona.

DOM LANCEROTE: Esta advertência merece esta moça, que é uma descuidada, que por seus desmazelos me deixou furtar um capote.

Cantam Dom Lancerote, Sevadilha, Semicúpio, Dona Clóris e Dona Nize a seguinte:

Ária A 5

DOM LANCEROTE:

Tu, moça, tu tonta
Sentido no fogo,
Senão tu verás.

SEVADILHA:

Debalde é o seu rogo,
Que fogo sem fumo
Não é bom sinal.

SEMICÚPIO:

Que linda pilhage,
Que fogo selvage,
Que lambe voraz!

DONA CLÓRIS:

Não sente quem ama.

DONA NIZE:

Não temo esta chama.

AMBAS:

Que é fogo de amor.
DOM LANCEROTE:
Cuidado no fogo.
SEVADILHA:
Debalde é o seu rogo.
DOM LANCEROTE e SEVADILHA:
Que fogo sem fumo
Não é bom sinal.
DOM LANCEROTE:
Sentido, cuidado.
SEMICÚPIO:
Que fogo selvage.
TODOS exceto Dom Lancerote:
Que é fogo de amor.
Todos:
Cuidado, pois, cuidado,
Que algum furor vendado
Fulmina tanto ardor.

PANO

SEGUNDA PARTE

CENA I

Praça. Entram Dom Gilvaz e Semicúpio.

DOM GILVAZ: Ainda não sei cabalmente aplaudir a tua indústria, ó insigne Semicúpio.

SEMICÚPIO: Nem aplaudir, nem agradecer, Senhor Dom Gilvaz.

DOM GILVAZ: As tuas idéias são tão impossíveis de aplaudir como de agradecer, pois todo o premio é diminuto e todo o louvor limitado.

SEMICÚPIO: Visto isso, eu mesmo tenho a culpa de não ser premiado; porque se eu não servira tão bem, estaria mais bem servido. Senhor meu, eu nunca fui amigo de palanfrórios: mais obras, e menos palavras; eu quero que me ajuste a minha conta.

DOM GILVAZ: Para que?

SEMICÚPIO: Para pôr-me no olho da rua, que serei mais bem visto.

DOM GILVAZ: Semicúpio, nem sempre o diabo há de estar atrás da porta.

SEMICÚPIO: Sim, porque entrará para dentro de casa.

DOM GILVAZ: Cala-te, que se consigo a Dona Clóris com seu dote, e arras, eu te prometo que Andes numa boléia.

SEMICÚPIO: Senhor, não me ande com a cabeça à roda com essas promessas; era melhor que os prêmios andassem a rodo.

(Entra Fagundes)

FAGUNDES: Lá deixo a Dom Fuas numa caixa, para o introduzir com Dona Nize em casa sem sustos, como da outra vez; tomara achar um homem que m'a carregasse.

DOM GILVAZ: Lá vem a velha, criada de Dona Clóris.

SEMICÚPIO: Retire-se vossa mercê, e deixe-me com ela.

DOM GILVAZ: Pois eu aqui te espero. *(vai-se)*.

FAGUNDES: Ó filho, por vida vossa quereis levar-me uma caixa?

SEMICÚPIO: Com que achou-me vossa mercê com ombros de mariola?

FAGUNDES: Pois perdoe-me, que cuidei que era homem de ganhar.

SEMICÚPIO: Todos nesta vida somos homens de ganhar, porém o modo é que desautoriza.

FAGUNDES: Isto não era mais que levar uma caixa às costas.

SEMICÚPIO: Pois se não é mais do que isso, entendo que não estará mal à minha pessoa.

FAGUNDES: Qual mal? Antes lhe estará muito bem.

SEMICÚPIO: Mas advirto que isto em mim não é ofício, é uma mera curiosidade.

FAGUNDES: Ora, Deus lhe dê saúde; olhe, ela pesa pouco, e vai aqui para casa de Lancerote.

SEMICÚPIO: E de quem é a caixa?

FAGUNDES: è minha, que a que eu tinha toda se desfaz em caruncho.

SEMICÚPIO: Pois esta não se livrará da traça, que intento usar com ela (*à parte*). Vamos, Senhora. (*vai-se*).

(Entra Dom Gilvaz)

DOM GILVAZ: aonde irá Semicúpio com a velha? O maldito não perde ocasião: com semelhante jardineiro não murchará o Alecrim de Dona Clóris; porém ele lá vem com uma caixa às costas.

(Entra Semicúpio com uma caixa às costas e logo a põe no chão)

SEMICÚPIO: Desencontrei-me da velha, que andaré tonta por mim.

DOM GILVAZ: Que é isto, Semicúpio?

SEMICÚPIO: Não lhe importe, vá-se enrolando, que se há de meter aqui dentro e hei de levar esse corpinho a casa de Dona Clóris.

DOM GILVAZ: Isso é quimera; como posso eu caber aí?

SEMICÚPIO: Isso não me importa a mim; abata as presunções, que logo caberá em toda a parte.

DOM GILVAZ: E como havemos abri-la, que está fechada?

SEMICÚPIO: Não sabe que a irmã gazua sempre me acompanha? Eu a abro. (*Abre*).

DOM GILVAZ: Esta tramóia é mui arriscada; que tem dentro?

SEMICÚPIO: Eu vejo uns trapos estendidos. Ande, ande, que nos importa a nós.

DOM GILVAZ: Ora vamos a isso: ai, Clóris, quanto me custas!

(Mete-se Dom Gilvaz na caixa, e a fecha Semicúpio, e logo a põe às costas, e dentro também virá Dom Fuas).

SEMICÚPIO: Não há de ser má esta encaixação. Arre, o que pesa a criança!

DOM FUAS: Ai, que me esmagam os narizes!

DOM GILVAZ: Quem está aqui? Espera, vejamos o que é.

SEMICÚPIO: O que for lá se achara.

DOM GILVAZ: Espera, que isto é traição.

DOM FUAS: Homem dos diabos, não me esborraches.

DOM GILVAZ: Aqui-del-rei, não há quem me acuda?

SEMICÚPIO: Cale-se, tamanho, que para boa casa vai. (*vai-se*).

CENA II

Sala. Entram Dom Tibúrcio e Sevadilha.

DOM TIBÚRCIO: Sevadilha, agora que estamos sós, quero te pedir um conselho.

SEVADILHA: Se vossa mercê acha que lh'os posso dar, proponha que eu resolverei.

DOM TIBÚRCIO: Tu bem sabes que eu vim para casar com uma destas duas primas minhas; ambas são belas, ao que entendo; só me resta saber as manhas de cada uma, para que escolha do mal o menos.

SEVADILHA: Senhor, ambas são mui bastante moças, a Senhora Dona Clóris é mui perfeita, sabe fazer os ovos moles muito bem; a Senhora Dona Nize tem melhor juízo; muito assento, quando não está de levante; grande capacidade; e tanto, que sendo tão rapariga já lhe nasceu o dente do siso; porém na condição é uma víbora assanhada.

DOM TIBÚRCIO: Não sei, Sevadilha, o que faça neste caso.

SEVADILHA: Não casar com nenhuma.

DOM TIBÚRCIO: Pois eu vim cá por besta de pau?

SEVADILHA: Eu digo o que entendo em minha consciência.

DOM TIBÚRCIO: Oh, se pudera eu casar contigo, Sevadilha, porque só tu me caíste em graça!

SEVADILHA: Ai, que graça! Diga-me isso outra vez.

DOM TIBÚRCIO: Não zombe, que não estou fora de fazer eu uma parvoíce.

SEVADILHA: Não será a primeira.

DOM TIBÚRCIO: Queres tu que fuçamos? Olha, que estou com minhas tentações de te fazer dona da minha casa.

SEVADILHA: Diga-me destas, que gosto disso.

DOM TIBÚRCIO: Sevadilha, não percas esta fortuna.

SEVADILHA: quem é a fortuna?

DOM TIBÚRCIO: Sou eu, que te quero.

SEVADILHA: Se é fortuna, será inconstante.

DOM TIBÚRCIO: Ai, que a moça me fala por equívocos! És discreta.

SEVADILHA: Ora vá-se com a fortuna.

(Entra Semicúpio com a caixa às costas).

SEMICÚPIO: Quem toma conta deste arcaç?

DOM TIBÚRCIO: Quem a manda?

SEMICÚPIO: Uma mulher já de dias grandes, porque era bastante mente velha.

DOM TIBÚRCIO: A mim me melem, se isto não é já alguma preparação para o casamento.

SEMICÚPIO: Vossa mercê parece que adivinha, pois para casamento é, segundo ouvi dizer a um terceiro.

DOM TIBÚRCIO: Sabes, o que virá aí dentro?

SEMICÚPIO: Cuido que é um vestido.

DOM TIBÚRCIO: E que tal?

SEMICÚPIO: Belo na verdade, bordado com uns vivos brancos, e de cores tão vivas, que estão saltando.

DOM TIBÚRCIO: É de mulher ou de homem?

SEMICÚPIO: Tudo o que aqui vem é para mulher.

DOM TIBÚRCIO: Cuidei que era para mim.

SEVADILHA: (*à parte*). Aquele é Semicúpio; ele que carrega a caixa não é sem causa.

SEMICÚPIO: (*à parte*). Sevadilha lá me está deitando uns olhos que se vão os meus trás deles.

DOM TIBÚRCIO: Já te pagaram?

SEMICÚPIO: Não, Senhor, mas eu esperarei pela velha.

DOM TIBÚRCIO: Pois, Sevadilha, em que ficamos? Ajustemos o negócio!

SEVADILHA: (*à parte*). É boa esta, ouvindo-me Semicúpio!

DOM TIBÚRCIO: Olha, Sevadilha, eu te quero tanto que fecharei os olhos a tudo, só por casar contigo.

SEMICÚPIO: (*à parte*). Tome-se lá, o que estavam ajustando os dois! Eu o estorvarei.

DOM TIBÚRCIO: Que dizes, rapariga?

SEMICÚPIO: Ah, senhor, pague-me o carroto da caixa.

DOM TIBÚRCIO: Espera, que logo vem a velha.

SEMICÚPIO: (*à parte*). Sim, pois a moça logo vai.

DOM TIBÚRCIO: Tu ainda és menina, não sabes o que te convém.

SEVADILHA: Eu não necessito de tutores.

DOM TIBÚRCIO: Olha, que eu sou Morgado na minha terra, e terás tantos e quantos.

SEMICÚPIO: Senhor, pague-me o carroto da caixa, que não posso esperar.

DOM TIBÚRCIO: Logo, espera; ora, Sevadilha, isso há de ser, dá-me um abraço.

SEMICÚPIO: Venha o carroto da caixa; é boa essa!

SEVADILHA: É boa teima!

DOM TIBÚRCIO: Pois dá-me ao menos esse malmequer por prenda tua.

SEMICÚPIO: Ora venha já esse carroto, senão tudo vai c'os diabos.

DOM TIBÚRCIO: Espera, homem; ouve, mulher.

SEVADILHA: Vá-se daí, malcriado, aleivoso, maligno; é o que me faltava!

Canta Sevadilha a seguinte

Ária

Que um tonto jarreta,
Que um néscio pateta,
Me fale em amor,
Ou é para rir,
Ou para chorar.
Não cuide em amores,
Que nesses ardores,
Se pode frigir,
Se pode abrasar. (*vai-se*).

SEMICÚPIO: Regalou-me esta Ária; vou dizer a Sevadilha, diga a Dona Clóris, que ali está meu amo, e finjo que me vou. Senhor, adeus, eu virei noutra ocasião. (*vai-se*).

(Entra Dom Lancerote com um castiçal e vela acesa, e a porá em cima da caixa, donde ao depois se assentarão).

DOM LANCEROTE: Sobrinho, vós bem sabeis que um hóspede, passados os três dias, logo fede, como cavalo morto; isto não é dizer que fedes, mas vos afirmo que me não cheira bem vossa irresolução, vendo que indeciso ainda não elegestes qual de vossas primas há de se vossa consorte.

DOM TIBÚRCIO: Senhor, as perfeições de cada uma são tão peregrinas, que vacila a vontade na eleição dos sujeitos; pois quando me vejo entre Clóris e Nize, me parece que estou entre Cila e Caribdes.

DOM LANCEROTE: Pois, sobrinho, resolver, resolver logo, e já.

DOM TIBÚRCIO: Pois, Senhor, se a um enforcado se dão três dias, eu que no casar noto a mesma propriedade, pois bem se enforca quem mal se casa, peço três dias também para me resolver.

DOM LANCEROTE: Três dias peremptórios concedo; e para que não hajam duvidas no dote, assentai-vos, e sabereis, o que haveis de levar. (*Assentam-se*).

DOM TIBÚRCIO: Isso é santo e bom, para que não seja a noiva de contado, e o dote de prometido.

DOM LANCEROTE: Eu, meu sobrinho, suposto tenha corrido muito mundo, contudo me acho alcançado.

DOM TIBÚRCIO: Isso é bonito!

DOM LANCEROTE: Primeiramente cada uma de minhas sobrinhas tem muito boa limpeza.

DOM TIBÚRCIO: Sim, Senhor, são muito asseadas, nisso não há dúvida.

DOM LANCEROTE: Além disso: estai atento, meu sobrinho, não deis solavancos com a caixa, que isso é manhã de bestas. (*Bole a caixa*).

DOM TIBÚRCIO: Estou com os cinco sentidos bem quietos.

DOM LANCEROTE: Como digo, sabereis que todo o meu cabedal anda sobre as ondas do mar. Nos estareis quieto! (*Bole a caixa*).

Dom Tibúrcio: Não sou eu, por vida minha.

DOM LANCEROTE: Não vedes a caixa a saltar?

DOM TIBÚRCIO: É verdade; será de contente.

(*Cai a caixa com os dois*)

DOM LANCEROTE: Isto agora é mais comprido.

DOM TIBÚRCIO: E isto é mais estirado.

DOM LANCEROTE: Ai, quem me acode com uma luz!

(Entram Dona Clóris, Dona Nize, Fagundes e Sevadilha com luz).

TODOS: Que sucedeu?

DOM TIBÚRCIO: O maior caso, que viram as idades.

DOM LANCEROTE: Eu, que na maior idade vi o maior caso.

DONA NIZE: Pois que foi?

DONA CLÓRIS: Que sucedeu, senhores?

SEVADILHA: Que é isto?

FAGUNDES: Que foi? Que sucedeu? Que é isto?

DOM TIBÚRCIO: Esta caixa.

DOM LANCEROTE: Esta arca.

DOM TIBÚRCIO: Que em torcicolos.

DOM LANCEROTE: Que em bamboleios.

DOM TIBÚRCIO: Com pulos.

DOM LANCEROTE: Com saltos.

DOM TIBÚRCIO: Deitou-me no chão.

DOM LANCEROTE: No chão me estendeu.

DONA NIZE: E raro caso!

DONA CLÓRIS: E caso raro!

SEVADILHA: E, não há dúvida: ai, que ela torna a bulir! Fugamos, senhores,

FAGUNDES: *(À parte)*. Valha-te o diabo, Dom Fuas, que tão inquieto és!

DOM LANCEROTE: Esta caixa tem algum encanto, abramo-la.

DOM TIBÚRCIO: Diz bem, abra-se a caixa.

DONA NIZE: (*À parte*). Ai de mim, que será de Dom Fuas!

DONA CLÓRIS: (*À parte*). Que será de D. Gil!

DOM TIBÚRCIO: Vá o tampo dentro.

SEVADILHA: Tenham mão, que pode vir dentro algum diamante, que nos mate aqui a todos.

FAGUNDES: Ai, santo breve da marca!

DONA NIZE: Senhor, se se abre a caixa, desmaiamos todos aqui.

DOM LANCEROTE: Vamo-nos, que a prudência é melhor que o valor. (*vai-se*).

DOM TIBÚRCIO: Pois só não quero ser valente. (*Vai-se e leva a luz*).

SEVADILHA: Ai! Não sei que pés me hão de levar! Ande, senhora.

DONA CLÓRIS: Fazes bem em disfarçar até ao depôs. (*vai-se*).

FAGUNDES: A caixa parece que tocou a recolher.

DONA NIZE: E não foi o pior o ficarmos às escuras que assim terão todos medo de vir aqui: ora, abre a caixa e dize a Dom Fuas que saia.

FAGUNDES: Ai, a caixa está aberta! Seria com os solavancos: saia, meu senhor, e perdoe o descômodo.

(*Abre a caixa e sai Dom Gilvaz*)

DOM GILVAZ: Ó tu, noturna deidade, que no caliginoso bosque destas sombras brilhas carbúnculo da formosura, aqui tens segunda vez no teatro de tua beleza representante a minha Constancia na Tragicomédia de meu amor.

FAGUNDES: Senhora, quem às escuras é tão discreto, que fará às claras?

DONA NIZE: Já vou acreditando, meu bem, as tuas finezas, porém...

(Sai Dom Fuas da caixa).

DOM FUAS: Porém o teu engano, falsa, inimiga, segunda vez se repete para meu desengano, e tua afronta.

DONA NIZE: Que é isto, Fagundes? Que tramóias são estas?

FAGUNDES: Eu estou besta, pois só a Dom Fuas meti na caixa!

DONA NIZE: pois como há aqui outro, fora Dom Fuas?

FAGUNDES: Eu não sei, em minha consciência, que não é má.

DOM FUAS: Senhora Dona Nize, para que são esses fingimentos? Peleje agora com Fagundes, para se mostrar inocente.

DOM GILVAZ: Esta é Dona Nize; eu me recolho ao vestuário, até que venha Dona Clóris.

(Mete-se Dom Gilvaz na caixa)

DONA NIZE: Já disse, Senhor Dom Fuas, que a minha constância vive isenta dessas calunias.

DOM FUAS: Aqui-del-rei, senhora, quereis, que dê com a cabeça por essas paredes? É possível, que ainda intentais negar o que toa repetidas vezes tenho experimentado?

DONA NIZE: Senhor Dom Fuas, não cuide vossa mercê, que somos cá nenhuma mulheres de cacaracá; mas ali vem gente.

DONA NIZE: Recolha-se outra vez que eu entanto aqui me retiro. Anda, Fagundes. *(vai-se)*.

FAGUNDES: Senhor, nós já tornamos. *(vai-se)*.

DOM FUAS: Mais à minha conservação, que ao teu respeito, obedeço.

(Esconde-se Dom Fuas na caixa, e entra Dona Clóris)

DONA CLÓRIS: Que se expusesse D Gil ao perigo de vir em uma caixa a meu respeito! Ora, o certo é que não há mais extremoso amante; porém os sumos de Alecrim tem a mesma virtude que o incenso nos pombos, que os faz tornar

ao pombal. Mas adonde estará a caixa? Esta suponho que é. Já meu bem podes sair sem susto.

(Sai Dom Fuas da caixa)

DOM FUAS: Sim tirana, pois já me não assustam as tuas falsidades.

DONA CLÓRIS: Que falsidades? Que dizes? Enlouqueceste, ou ignoras com quem falas!

DOM FUAS: Contigo falo, que com outro amante duas vezes infiel te encontrou a minha infelicidade.

DONA CLÓRIS: Cuido que não são tantos os encontros que temos tido.

DOM GILVAZ: *(à parte)*. Aquela voz é de Dona Clóris; estou ardendo de zelos!

DOM FUAS: Já estou desenganado da tua falsidade. Jan sei que est'outro amante, que vive encerrado nessa caixa, é o que só merece os teus agrados.

DOM GILVAZ: E como que o merece; pois só ele é digno desse favor; e a quem o impedir, lhe meterei esta espada até as guarnições.

DOM FUAS: Vês, ingrata, se é certa a minha suspeita?

DONA CLÓRIS: Eu estou confusa e não sei a quem satisfaça!

DOM GILVAZ: Ainda continua, insolente? Não sabe que esta Dama é coisa minha?

DOM FUAS: Já agora por capricho, apesar das suas aleivosias, hei de dar a vida por minha dama.

DONA CLÓRIS: Senhores, que desgraça!

DOM GILVAZ: Se não estivera às escuras, tu serias o alvo de minhas iras.

DOM FUAS: Pois, se não fora a escuridade, eu te fizera ver o meu brio; mas, ainda assim, eu vou dando dê onde der.

DONA CLÓRIS: Senhores, dêem de manso, não os ouça meu tio.

Cantam Dom Fuas, Dom Gilvaz e Dona Clóris a seguinte

Ária A 3

DOM GILVAZ:

Se não fora por não sei que,
Te matara mesmo aqui.

DOM FUAS:

Se não fora o velho ali
Te fizera um não sei que.

DONA CLÓRIS:

De mansinho, pouca bulha,
Calte gralha , calte grulha,
Porque o velho há de acordar.

DOM GILVAZ:

Pois aqui mui mansamente
Matarei este insolente.

DOM FUAS:

Também eu pela calada
Meterei a minha espada.

DONA CLÓRIS:

Devagar, não dêem de rijo,
Porque o velho há de acordar.

TODOS:

Quem pudera em tanta luta
Sua dor desabafar!

DOM FUAS e DOM GILVAZ:

Se não gritão neste caso,
Sou capaz de rebentar.

DONA CLÓRIS:

Mais que estalem, e arrebentem,
Não se há de aqui falar.

TODOS:

Não se pode isto aturar! (*Vão-se*).

(Entra Semicúpio pela mão de Sevadilha)

SEMICÚPIO: Donde me levas, Sevadilha?

SEVADILHA: Ande, não me faça perguntas.

SEMICÚPIO: Não há uma candeia nesta casa que se me meta na mão, que estou morrendo por te ver?

SEVADILHA: Melhor fineza é amar por fé.

SEMICÚPIO: Como, se eu não dou fé de ti?

SEVADILHA: Ande, que o amor se pinta cego.

SEMICÚPIO: Muito vai do vivo ao pintado.

SEVADILHA: Assim estamos mais à nossa vontade.

SEMICÚPIO: Andar, supondo que tenho o meu amor na Noruega; mas ainda assim isto de estar às escuras, não é grande coisa para um homem dizer à sua Dama quatro hipérboles, pois se não vejo, como poderei dizer-te que és estatua de alabastro sobre plintos de jaspe neve vivente, e racional sorvete, mas só carapinha, pois negra te considero nesta

Etiópia: oh, negregada ocasião em que por falta de uma candeia não sai à luz a tua formosura!

SEVADILHA: Pois o fogo de teu amor não basta para alumiar esta casa?

SEMICÚPIO: Se a luz excessiva faz cegar, também a minha chama por excessiva não alumia; mas com tudo isto não nos metamos no escuro; falemos claro: como estamos nós daquilo, que chamamos amor?

SEVADILHA: E como estamos nós do malmequer, que esse é o ponto?

SEMICÚPIO: Cada vez está mais viçoso com a copiosa inundação de meu pranto.

SEVADILHA: E teu amo com o alecrim?

SEMICÚPIO: Isso são contos largos, o homem anda doido; tudo quanto vê lhe parece que é Alecrim; est'outro dia estava teimoso, em que havia de cear salada de Alecrim, mais que o levasse o diabo. Olha, para contar-te as loucuras que faz, assentemo-nos, que isto se não pode levar de pé.

(Assenta-se Semicúpio na caixa, que estará com o tampo levantado, e cai dentro da caixa, que se fechará com a dita queda.)

SEMICÚPIO: Mas, ai, Sevadilha, que caí num poço sem fundo!

SEVADILHA: Aonde estás, Semicúpio?

SEMICÚPIO: Não sei aonde estou; só sei, que estou aqui.

SEVADILHA: Aonde é aqui?

SEMICÚPIO: É aqui.

SEVADILHA: Aqui aonde?

SEMICÚPIO: É boa pergunta! Eu sei cá donde são os aquis na casa alheia? Sei, que estou aqui num fole como criança, que nasce empelicada, mas sem ventura.

SEVADILHA: Pois sai daí, e anda para aqui.

SEMICÚPIO: Isso é, se seu soubera ir daqui para aí.

SEVADILHA: Quem te impede?

SEMICÚPIO: Estou entupido.

SEVADILHA: Dá dois espirros.

SEMICÚPIO: Falta-me a Sevadilha, que a não acho, por mais que ando ao cheiro dela. Ora, filha, tiram-me daqui, tu não ouves?

SEVADILHA: Eu bem ouço; porém não vejo aonde estás.

SEMICÚPIO: Busca-me fora de mim, porque não estou dentro em mim, metido nesta sepultura, donde só campa por infeliz a minha desventura.

SEVADILHA: Cala-te, Semicúpio, que aí vem gente com luzes; adeus, até logo.

SEMICÚPIO: Estou no mais apertado lance, que ninguém se viu!

(Entram Dom Lancerote com uma luz, e Dom Tibúrcio).

DOM LANCEROTE: Apuremos esse encanto. Sobrinho, nos havemos ver o que se encerra nesta caixa, ainda que o cabelo se arrepie.

DOM TIBÚRCIO: Se for coisa desta vida, ficará sem ela, e se for da outra, a mandarei para outro mundo.

DOM LANCEROTE: Pois, sobrinho, abri esta caixa com intrépido valor.

DOM TIBÚRCIO: Abra vossa mercê, que é mais velho, e em tudo tem o primeiro lugar.

DOM LANCEROTE: Deixai cumprimentos, que a ocasião não é para cerimônias.

DOM TIBÚRCIO: Por nenhum modo: não tem que se cansar, que lhe não quero tirar o glória desta empresa.

DOM LANCEROTE: (*À parte*). O magano contralogrrou-me; pois eu confesso, que estou tremendo de medo.

DOM TIBÚRCIO: (*À parte*). Queria arrumar-me o gigante? É bem esperto.

DOM LANCEROTE: Ora pois, hei de ir eu, ou haveis de ir vós?

DOM TIBÚRCIO: Vá, não haja cumprimentos, que eu sou de casa.

DOM LANCEROTE: Não há mais remédio, que ir eu em corpo e alma, a ver esta alma sem corpo ou este corpo sem alma. Deus vá comigo, Anjo da minha guarda, e todo o *Flos Sanctorum* me defenda.

DOM TIBÚRCIO: Ande, tio, não tenha medo, que eu estou aqui.

DOM LANCEROTE: (*À parte*). Pois se não fora isso já eu deitava a correr.

SEMICÚPIO: Ai, que sem dúvida estou na caixa, em que trouxe a D. Gil, e segundo o que aqui ouço dizer, me intentam reconhecer: eu lhes tocarei a caixa.

(*Chega-se Dom Lancerote à caixa, e tanto que a abre, deita Semicúpio a cabeça de fora, e dá um assopro na vela*).

DOM LANCEROTE: Ó tu quem quer que és, que estás nesta caixa... mas ai, que me apagaram a vela com um assopro!

DOM TIBÚRCIO: Assopra!

SEMICÚPIO: Mui fraca era aquela luz, pois de um assopro a derribei.

DOM LANCEROTE: Sobrinho, vós estais aí?

DOM TIBÚRCIO: Como se não estivera.

DOM LANCEROTE: Quem seria o cruel que tão aleivosamente matou uma inocente luz a assapros frios!

SEMICÚPIO: Deus lhe perdoe, que era uma luz a todas as luzes boa: mas eu quero safar-me daqui, e temo marrar de narizes com alguém; mas que remédio?

DOM LANCEROTE: Agora vos chegais para mim, cobarde sobrinho! Ide, que por vossa culpa não acabei de desencantar este encanto.

DOM TIBÚRCIO: Veja vossa mercê como chama cobarde?

DOM LANCEROTE: Calai-vos, abóbora, que degenerais de quem sois.

DOM TIBÚRCIO: A mim, abóbora?

SEMICÚPIO: Agora é boa ocasião de ir-me; porque ainda que encontre com algum, cuidarão que são murros: lá vai o primeiro. (*dá*).

DOM LANCEROTE: Ó mal ensinado, pondes mãos violentas em vosso tio?

SEMICÚPIO: Eu abrirei caminho desta sorte, dando a trouxe-mouxe. (*Dá*).

DOM TIBÚRCIO: É boa essa, senhor tio, assim se dá num barbado?

DOM LANCEROTE: Calai-vos, maganão, que não haveis de casar: mas, ai, que me destes uma bofetada com a mão aberta? Aqui-d'El-rei sobre este magamo de seu sobrinho! (*Vai-se*).

DOM TIBÚRCIO: Aqui-d'El-ei sobre este caduco de seu tio! (*Vai-se*).

SEMICÚPIO: Aqui-d'El-ei que já me deixaram. (*Vai-se*).

CENA III

Câmara. Entram Dom Gilvaz e Dona Nize.

DOM GILVAZ: Senhora Dona Nize, se acaso em vossa piedade pode achar amparo um desgraçado, peço-vos que me oculteis; pois já a rubicunda aurora em risonhas vozes nos avisa da chegada do Sol, assim a vossa Manjerona se veja coroada de louro no Capitólio do amor.

DONA NIZE: Já o alecrim pede favores à Manjerona?

DOM GILVAZ: Se Dona Clóris não aparece, que quereis que faça?

DONA NIZE: Pois escondi-vos nessa alcova, enquanto a vou chamar.

(Esconde-se Dom Gilvaz e entra Dom Fuas)

DOM FUAS: aonde vais, tirana? Procuras acaso o teu amante? Oh, murcha seja a tua Manjerona que como planta venenosa me tem morto;

DONA NIZE: Homem do demônio, ou quem quer que és, que em negra hora te vi, e amei, que desconfianças são essas? Que amante é esse, com quem me andas aqui apurando a paciência, e sem que, nem que, descompondo a minha Manjerona?

DOM FUAS: Pois quem era aquele que saiu da caixa a dizer-te mil colóquios?

DONA NIZE: Que sei eu quem era; salvo fosse... Mas retira-te, que aí vem gente.

DOM FUAS: Esconder-me-ei aonde for.

(Quer esconder-se onde está Dom Gilvaz)

DONA NIZE: Não te escondas aí. Ai de mim, que se Dom Fuas vê a D. Gil, fará o seu ciúme verdadeiro!

DOM FUAS: Não queres que me esconda aí? Agora, por isso mesmo.

DONA NIZE: Tem mão, adverte...

DOM FUAS: Qual adverte? Tens aí acaso escondido o teu amante?

DONA NIZE: Não, Dom Fuas, porque só tu...

DOM FUAS: Que é isso? Mudas de cor?

DONA NIZE: Se a cor é acidente; estou para desmaiar, vendo a sem razão, com que me criminas.

(Entra Dona Clóris)

DONA CLÓRIS: Nize, que alarido é esse? Queres que venha o tio e ache aqui este estafermo?

DONA NIZE: São loucuras de um zeloso sem causa.

DOM FUAS: São zelos de uma causa sem loucura. E senão diga-me Senhora Dona Clóris, por vida do Senhor seu Alecrim, não é para ter zelos ver repetidas vezes a um sujeito procurar a Dona Nize com tão repetidos extremos, que uma coisa é vê-lo e outra dizê-lo; e suponho o tem agora escondido naquela alcova de donde me desvia para esconder-me?

DONA CLÓRIS: Isso verei eu, que também me importa essa averiguação.

DONA NIZE: (*à parte*). Clóris, não te canses, que não hás de ver quem aí está. Estou perdida!

DOM FUAS: É para que veja, senhora, a razão que tenho. Ah, tirana!

DONA CLÓRIS: Já agora por capricho hei de ver quem aí está. Vossa mercê é, Senhor Dom Gilvaz? Que é isso? Quer enxertar o meu alecrim com a Manjerona de Dona Nize.

DOM GILVAZ: Há caso semelhante!

DOM FUAS: Falso, traidor amigo, como sabendo que eu pretendo a Dona Nize, te expões a embarçar o meu emprego?

DOM GILVAZ: Dona Clóris, Dom Fuas, para que são esses extremos, quando a Senhora Dona Nize nem a vós vos ofende, nem a mim me corresponde?

DOM FUAS: Ninguém se esconde sem delito.

DONA CLÓRIS: Ninguém se oculta sem motivo.

DONA NIZE: Ora, agora não quero dar satisfações, nem a uma louca, nem a um temerário: é muita verdade; escondi a D. Gil, por que lhe quero bem; pois que temos?

DOM FUAS: Que isto sofra a minha paciência! Ah, ingrata!

DONA CLÓRIS: Que isto tolerem os meus zelos! Ah, falso amante!

DOM GILVAZ: A Senhora Dona Nize está zombando, e aquilo nela é galanteria.

DONA NIZE: Não é senão realidade, e tenho dito. (*Vai-se*).

DOM FUAS: Não se viu mais descarado rigor! Espera, cruel, e veras com os teus olhos os ultrajes que faço à tua Manjerona. (*Vai-se*).

DONA CLÓRIS: Senhor D.Gil, venha depressa o meu Alecrim.

DOM GILVAZ: O teu Alecrim é inseparável de meu peito.

DONA CLÓRIS: Deixemos graças, que eu não zombo.

DOM GILVAZ: Pois entendes que Dona Nize fala deveras?

DONA CLÓRIS: Quer falasse deveras, quer não, venha o meu Alecrim.

DOM GILVAZ: De que sorte queres que te satisfaça? Ignoras acaso as firmezas de meu amor?

Canta Dom Gilvaz a seguinte

Ária

Borboleta namorada,
Que nas luzes abrasada,
Quando expira nos incêndios.
Solicita o mesmo ardor.
Tal, ó Clóris, me magino,
Pois parece, que o destino
Quer, por mais que tu me mates,
Que apeteça o teu rigor.

(Entram Semicúpio e Sevadilha)

SEMICÚPIO: Senhor Dom Gilvaz, nunca Semicúpio se viu em calças mais pardas.

DOM GILVAZ: Por que?

SEVADILHA: Porque o velho já aí vem caminhado como uma centopéia.

DONA CLÓRIS: Anda, D. Gil, para dentro, até que haja ocasião para saíres.

DOM GILVAZ: Vais ainda com escrúpulos na minha constância?

DONA CLÓRIS: Cá dentro apuraremos essas finezas. *(Vai-se)*.

DOM GILVAZ: Ó Semicúpio, vê como havemos sair daqui, que bem sabes que tenho de escrever hoje para o correio. *(Vai-se)*.

SEMICÚPIO: Tomara que o fizessem em postas, o levasse barzabu às vinte.

SEVADILHA: E se lhes não dizemos que vinha o velho, ainda se não iam.

SEMICÚPIO: E ia-se a história sem nós fazermos nosso papel de Alfazema por causa do Alecrim.

SEVADILHA: Não me dirás, Semicúpio, em que há de parar toda esta barafunda?

SEMICÚPIO: Em algum casamento, isso já se sabe; tomara eu também que me disseses em que havemos nós parar?

SEVADILHA: Em correr, que se paramos aqui talvez que nos envidem o resto.

SEMICÚPIO: Não embaralhes o sentido em que te falo. Ai, Sevadilha, que não só me chegaste ao coração, mas também aos narizes! E assim não ponhas por estaque os teus favores: antes afável, dá-me alguma amostrinha de tua inclinação.

SEVADILHA: Quem te meteu esses fumos na cabeça!

SEMICÚPIO: O dó que tenho de te ver tão matadora.

SEVADILHA: Vai-te daí, que tenho nojo de chegar-me a ti.

SEMICÚPIO: Eu não te mereço, que me descomponhas o carinho com que te trato. Ai, Sevadilha, que sinto assar-me nos espetos quentes de teus olhos, aonde os repetidos espirros de meu incêndio...

SEVADILHA: Se me disseras isso em dois dedos de papel, ainda te crera.

SEMICÚPIO: Não só em dois dedos, mas em toda a mão do solfá, donde verás de teu Semicúpio as finas cláusulas de suas semicopadas.

Canta Semicúpio, espirrando no fim de cada verso, a seguinte

Ária

Não posso, ó Sevadi...
Dizer-te, o que padê...
Que o meu amor trave...
Chegando-me aos nari...
Num moto contínuo me faz espirrar.
Mas se é tafularia
Este vício de querer-te,
Toda inteira hei de sorver-te,

Por mais que me veja morrer, e estalar. (*vai-se*).

SEVADILHA: Ora, Deus o ajude com tanto espirrar.

(*Entram Dom Lancerote e Dom Tibúrcio*)

DOM LANCEROTE: Basta, sobrinho, que não fostes vós, o que me derreastes?

DOM TIBÚRCIO: Pois acha vossa mercê, que havia por as mãos violentas nas reverendas barbas de vossa mercê? Igual eu me podia com mais razão queixar de vossa mercê, que me fez em estilhas.

DOM LANCEROTE: Eu, sobrinho? Isso é engano; eu havia erguer a mão para vós, quando só as devo levantar ao Céu, para dar-lhe graças, por dar-me para uma de minhas sobrinhas um noivo tão gentil-homem?

DOM TIBÚRCIO: Não vai a dar quebranto.

SEVADILHA: (*à parte*). E ele, que é mui belo.

DOM TIBÚRCIO: Pois se nenhum de nós reciprocamente deu um no outro, quem seria?

DOM LANCEROTE: Eu também não posso atinar; o que sei é que a caixa para nós foi de guerra.

SEVADILHA: (*à parte*). E para o noivo, de tartaruga do Alentejo.

DOM LANCEROTE: Sevadilha, anda cá, não o negues: quem andar nesta casa; há um par de noites que sinto grande rebuliço?

SEVADILHA: Senhor, eu tenho par Amim que esta casa às escuras é assombrada.

DOM LANCEROTE: Tens visto alguma coisa?

SEVADILHA: Ai, senhor, tenho visto tantas coisas, que não me atrevo a dizer-las.

DOM LANCEROTE: Dize, rapariga.

SEVADILHA: Só em cuidar no que vi, estou para me desmaiar.

DOM LANCEROTE: Era coisa do outro mundo?

SEVADILHA: Qual do outro mundo, se eu a vi neste?

DOM LANCEROTE: Era fantasma?

SEVADILHA: O que é fantasma?

DOM LANCEROTE: É uma coisa branca, que põe os olhos em alvo.

SEVADILHA: Senhor, eu não sei o que é; sei somente que vi sair de uma caixa uma coisa como furação de vento, que me deu muita pancada.

DOM LANCEROTE: Vedes sobrinho? É o mesmo que nos sucede em carne.

DOM TIBÚRCIO: Na carne aliás.

DOM LANCEROTE: Aqui não há outro remédio mais que safares logo, e já, e lewares vossa mulher convosco, que eu ponho escritos nas casas, e mudo-me às carreiras.

DOM TIBÚRCIO: Isso é o verdadeiro.

DOM LANCEROTE: Sevadilha, vai chamar as raparigas que venham cá depressa.

SEVADILHA: (*à parte*). Genro, e sogro, não os vi mais bestas! (*Vai-se*).

DOM TIBÚRCIO: Para que manda vossa mercê chamar as minhas primas tão depressa?

DOM LANCEROTE: Logo vereis.

(*Entram Dona Clóris e Dona Nize*)

Ambas: Que nos ordenas, Senhor?

DOM LANCEROTE: Sobrinho, elas aí estão, escolhi uma das duas para vossa esposa.

DONA CLÓRIS: Eu fiz voto de ser freira, e assim não posso casar.

DOM LANCEROTE: Pois case Dona Nize.

DONA NIZE: Eu menos, que quero ser donzela.

DOM LANCEROTE: Isso já não pode ser, que dei a minha palavra, que vale mais que tudo.

DOM TIBÚRCIO: Eu já me resolvera a aturar a ríspida condição de Dona Nize, mas sem receber o dote não me recebo.

DOM LANCEROTE: Andai, que sois um impolítico; algum homem que tem brio, fala em dote?

DOM TIBÚRCIO: E algum homem, que quer dote, atenta em brio?

(Entram Dom Fuas, Dom Gilvaz e Semicúpio vestidos de mulher com mantos)

SEMICÚPIO: Senhor, esta indústria nos valha que, para sair, sempre foi boa uma saia.

DOM GILVAZ: *(à parte)*. Quem serve a Cupido, não é muito que se afemine.

DOM FUAS: *(à parte)*. Até nisto mostra o amor que é covarde.

DOM LANCEROTE: Que mulheres são essas, que saem da nossa alcova?

DONA CLÓRIS: *(à parte)*. Estou tremendo ano se descubra a tramóia.

SEMICÚPIO: Senhor Dom Tibúrcio, as mulheres honradas, como eu, se não tratam desta sorte.

DOM TIBÚRCIO: Senhora, vossa mercê vem enganada.

DOM LANCEROTE: Que é isto, sobrinho?

DOM TIBÚRCIO: Eu o não sei em minha consciência.

DOM LANCEROTE: Senhoras, como entrastes nesta casa?

SEMICÚPIO: Este senhor sobrinho de vossa mercê merecia que lhe dessem duas facadas, pois sem alma, nem consciência, depois de o introduzir na minha casa, para casar com uma de minhas filhas, que vossa mercê aqui vê, teve tais ardis que enganou a ambas, e de ambas triunfou; e para mais penas sentir esta madrugada, nos mandou viéssemos e esta casa, que disse era sua e no cabo sei que não é, e está para casar com uma sobrinha de vossa mercê. Ah, traidor, ladrão, não sei como te não esgadanho e te arranco essas goelas.

DOM LANCEROTE: É notável caso! Sobrinho desalmado, que é o que fizestes?

DOM TIBÚRCIO: Senhor, eu estou tolo de ver mentir esta mulher!

DOM GILVAZ: Ah, falso Dom Tibúrcio, o Céu me vingue de tuas falsidades.

DOM FUAS: Ainda nega o magano? Tal estou, que lhe arrancara estas barbas.

SEMICÚPIO: Deixai, filhas, deixai, que ainda no Céu há raios e no inferno a caldeira de Pero Botelho para castigo de velhacos. Vamos, meninas. (*Vão-se*).

DONA CLÓRIS: (*à parte*). Já estamos livres deste susto.

DONA NIZE: (*à parte*). O criado vale um milhão.

DOM LANCEROTE: Senhor sobrinho, vossa mercê a tem feito como os seus narizes; basta, que vossa mercê é useiro e vezeiro a enganar moças?

DOM TIBÚRCIO: Senhor, eu não conheço tais mulheres.

DOM LANCEROTE: Se não tendes outra desculpa, essa não me satisfaz, e agora vejo que por isso dilatáveis o casar com vossas primas, fingindo irresoluções e regateando o dote.

DOM TIBÚRCIO: Senhor, permita Deus, que se eu...

DOM LANCEROTE: Não jureis falso; dizei-me, e tivestes atrevimento de meteres mulheres em casa, sem atenção ao decoro de vossas primas?

DOM TIBÚRCIO: Primas do meu coração, eu estou para enlouquecer, pois estou inocente...

DONA CLÓRIS: Cale-se, tenha juízo; basta, que com esse feitio nos queria lograr?

DONA NIZE: É o senhor sisudo, que não aprovava os ranchos de Alecrim e Manjerona!

DOM TIBÚRCIO: Ora basta, que diga eu que não conheço tais mulheres.

DONA CLÓRIS: Cale-se, tonto.

DONA NIZE: Cale-se, simples.

DONA CLÓRIS: Basbaque.

DONA NIZE: Insolente.

Ambas: Que? Agora casar? Aqui para trás. (*vão-se*).

DOM TIBÚRCIO: Senhor tio, dê-me atenção, senão desesperarei.
Canta Dom Lancerote a seguinte

Ária

Eis aqui: eu estou perdido,
Gasto feito, noiva pronta,
Porta aberta, e casa tonta;
Ah, sobrinho! Mas que digo?
Emprestai-me a vossa espada,
Que me quero degolar.
Oh prudência desgraçada,
Pois não faço uma salada
Por ninguém me ouvir gritar.

DOM TIBÚRCIO: Que isto a mim me suceda? Não há homem mais infeliz!

CENA IV

Praça. Entram Dom Gilvaz e Semicúpio.

DOM GILVAZ: Uma e muitas vezes te considero, Semicúpio, prodigioso artífice de meu amor, pois com as tuas máquinas vais erigindo o retorcido tálamo que há de ser trono do mais ditoso Himeneu.

SEMICÚPIO: Já disse a vossa mercê que mais obras e menos palavras. Semicúpio, senhor, já se acha mui cansado, tomara que me aposentasse com meio soldo, que este ofício de alcova é mui perigoso; que suposto tenha asas para fugir, também as asas têm penas para sentir.

DOM GILVAZ: Semicúpio, já o pior é passado: acabemos de deitar esta nau ao mar, que então teremos enchentes.

SEMICÚPIO: E no cabo de tantas enchentes tudo nada.

DOM GILVAZ: Anda, não desmaies, que hoje havemos mostrar ao Mundo os triunfos do Alecrim.

SEMICÚPIO: E a Manjerona todavia não menos viçosa com os borrifos de Fagundes.

DOM GILVAZ: Mas a galanteria é que todas as suas idéias redundam em nosso proveito.

SEMICÚPIO: Aí é que está a filigrana do jogo, Fagundes a semear e nós a colher.

(Entra Sevadilha com mantilha)

DOM GILVAZ: Aquela que lá vem, não é Sevadilha?

SEMICÚPIO: Pelo cheiro assim me parece.

DOM GILVAZ: Que novidade é essa, Sevadilha? Tu só, por aqui?

SEVADILHA: Que há de ser? A maior desgraça do mundo.

DOM GILVAZ: Que? Morreu o velho!

SEVADILHA: Isso então seria fortuna.

DOM GILVAZ: Pois que foi?

SEVADILHA: Foi, que Dom Tibúrcio com a pena de se ver acometido de três mulheres, como vossa mercê sabe, à vista das noivas e do sogro, tomou tal paixão, que lhe deu esta noite uma cólica e está quase indo-se por um fio; e, assim, eu por uma parte, Fagundes e o Galego por ambas, vamos a chamar o Médico. Adeus, que me não posso deter.

DOM GILVAZ: Espera.

SEVADILHA: Não posso, que Dom Tibúrcio está morrendo por instantes.

SEMICÚPIO: Não te canses que já o achas morto; ande cá, tenha feição, e faça palestra com os amigos.

DOM GILVAZ: Que faz Dona Clóris?

SEVADILHA: Não me detenha, adeus.

SEMICÚPIO: Dize-me primeiro que tal te pareci em trajas de mulher?

SEVADILHA: Não estou por isso, deixe-me ir, que estou com pressa.

SEMICÚPIO: Há tal pressa! Como se estivera alguém para morrer!

SEVADILHA: Não vêes que vou acudir a esta grande necessidade.

SEMICÚPIO: Vai-te, filha, vai-te, não te sofras.

SEVADILHA: Bem puderas tu poupar-me essas passadas, e ir chamar um médico às carreiras.

SEMICÚPIO: Vai descansada, que eu chamarei o médico.

DOM GILVAZ: Sim, com muito gosto.

SEVADILHA: Ora, faça-me esse favor, e adeus. (*vai-se*).

DOM GILVAZ: Anda depressa, vai chamar o Médico.

SEMICÚPIO: Que Médico? Cuide noutra coisa.

DOM GILVAZ: Isso é zombaria. Não permita Deus que o homem morra por nossa omissão.

SEMICÚPIO: Vamos, que eu e vossa mercê havemos ser os Médicos na enfermidade de Dom Tibúrcio.

DOM GILVAZ: Estás louco? Pois nós sabemos Medicina?

SEMICÚPIO: Assim como há filosofia natural, por que não haverá natural medicina?

DOM GILVAZ: E se o doente morrer por falta de remédio?

SEMICÚPIO: Mais depressa morrerá por muitos remédios.

DOM GILVAZ: E que lhe havemos aplicar?

SEMICÚPIO: Tudo o que não for veneno: porque o que não mata, engorda.

DOM GILVAZ: Isso é temeridade.

SEMICÚPIO: Vamos, senhor, e Deus sobre tudo.

(Entra Dom Fuas)

DOM FUAS: Espera, traidor D.Gil.

SEMICÚPIO: Ai, que isto é alguma espera!

DOM GILVAZ: Que me quereis, Dom Fuas?

DOM FUAS: Que metais a mão a essa espada.

DOM GILVAZ: Para que?

SEMICÚPIO: É boa pergunta! Para que será? É para fazer alféloa magana.

DOM FUAS: Vereis, que sabe o meu valor castigar ofensas de um amigo desleal; pois sabendo vós que Dona Nize era o ídolo da minha veneração, chegastes a profanar o meu culto com os sacrilégios votos de vossos sacrifícios, a quem suavizaram os odoríferos hálitos da Manjerona.

SEMICÚPIO: Ai, c'os diabos!

DOM FUAS: E assim metei a mão a essa espada, para que se conserve Dona Nize, ou segura no templo de meu peito, ou no de vosso coração.

SEMICÚPIO: Senhor, aqui não é lugar de desafios, vamos para Val de cavalinhos a jogar os coices.

DOM GILVAZ: Dom Fuas, estais louco? Vede, que sem causa é a vossa queixa.

DOM FUAS: Não quero satisfações, vamos puxando.

SEMICÚPIO: Este homem vem puxado.

DOM GILVAZ: Pois para que vejais que o satisfazer-vos não é temer-vos...

(Entra Fagundes com mantilha)

FAGUNDES: Cé, ah Senhor Dom Fuas, uma palavrinha depressa, que importa.

DOM FUAS: Aquela é Fagundes, que me quererá? Esperai, D.Gil, enquanto falo a esta mulher.

SEMICÚPIO: Senhor, não consinto, ou falar ou brigar.

DOM GILVAZ: Deixai mulheres e brigai, que estou pronto a satisfazer-vos por este modo.

FAGUNDES: Senhor, venha já, depressa.

SEMICÚPIO: Já vai, que quer aqui primeiro meter a espada pelo olho e um amigo.

FAGUNDES: Ande, senão vou-me.

DOM FUAS: Espera, que eu vou.

DOM GILVAZ: Briguemos, Dom Fuas.

SEMICÚPIO: Vamos a isso, antes que se acabe a cólera.

DOM FUAS: D.Gil, se tendes brio, esperai; que eu venho já. (*Vai para Fagundes*)

SEMICÚPIO: Ora, vá de seu vagar, que esta pendência não é de cerimônia Senhor D. Gil, abalemos com os cachimbos que brigar com loucos é ser mais louco. (*Vai-se*)

DOM GILVAZ: Tomo o teu conselho. (*Vai-se*)

FAGUNDES: Sim, senhor, a casa está revolta; Dom Tibúrcio nos artículos da morte e quase moribundo; o velho banzando, e tudo banzeiro, e à vista disto pode vossa mercê introduzir-se em casa o mais depressa, que puder, em alguma forma, que inventar a sua indústria, e adeus.

DOM FUAS: Ouça cá.

FAGUNDES: Não posso, que vou à botica.

DOM FUAS: Pois essa ingrata de Dona Nize ainda...

FAGUNDES: Não estou para ouvir nada.

DOM FUAS: Espere, tome lá esses vinténs pelo trabalho.

FAGUNDES: Mostre cá depressa.

DOM FUAS: Ora diga-me, pois Dona Nize...

FAGUNDES: Noutra ocasião falaremos, venha isso depressa.

DOM FUAS: Tome lá: mas diga-me, enquanto tiro a bolsa, essa falsa, essa cruel...

FAGUNDES: Ai, mostre cá, não me detenha.

DOM FUAS: Espere, que tenho o boldrié por cima da algibeira.

FAGUNDES: Pois, senhor, se a sua bolsa esta aferrolhada, a minha língua está ferrugenta. (*Vai-se*)

DOM FUAS: Muito interesseira é esta velha! Mas aonde está D.Gil? D.Gil? Foi-se o covarde; mas à fé de quem sou, que as não há de perder comigo, e tu, ingrata Nize, hoje irei a ver-te disfarçado; que à vista das tuas falsidades é justo que me revista não só de outro hábito, mas também de outro afeto.

Canta Dom Fuas a seguinte

Aria

De um amigo, e de uma ingrata
Ofendido, e ultrajado?
Quem me dera ver vingado!
Oh não sei como ainda cabe
No meu peito tanta dor!
Mas, sim cabe, porque as penas
Nos estragos repartidas
Pelas bocas das feridas
Sairão com mais vigor, (*Vai-se*)

CENA V

Câmara. Haverá uma cama, e nela estará Dom Tibúrcio deitado, assistido de Dom Lancerote, Dona Clóris, Dona Nize e Sevadilha.

DOM LANCEROTE: Oh, que tarda este Médico!

SEVADILHA: Não pode tardar muito; pois me disse que já vinha.

DOM LANCEROTE: Como estais agora, meu sobrinho?

DOM TIBÚRCIO: Depois que arrotei acho-me mais aliviado.

DONA NIZE: (*à parte*). Vaso mau não quebra.

DONA CLÓRIS: (*à parte*). Se Dora coisa boa, não havia de escapar.

DOM LANCEROTE: Não sabeis quanto fogo com a vossa melhora, pois me estava dando cuidado o enterro, e me podeis agradecer a boa vontade, pois vos seguro que havia ser luzido; vós o veríeis.

DOM TIBÚRCIO: Outro tanto desejo eu fazer a Vossa Mercê.

(Entram Dom Gilvaz e Semicúpio vestidos de Médico)

SEMICÚPIO: Deo gratias.

DOM LANCEROTE: Entrem, meus senhores Doutores.

DOM GILVAZ: *(à parte)*. Em boa me meteu Semicúpio! Eu não sei o que hei de dizer.

SEMICÚPIO: Qual de vossas mercês é aqui o doente?

DOM LANCEROTE: È este que aqui está de cama.

SEMICÚPIO: Logo me pareceu pelos sintomas.

SEVADILHA: Senhora, que são Semicúpio e D. Gil. *(Para D. Cloris)*.

DONA CLÓRIS: Bem os vejo: Nize, que te parece?

DONA NIZE: Que faz melhor efeito o teu Alecrim, que a minha Manjerona.

(Entram Dom Fuas e Fagundes).

FAGUNDES: Entre, Senhor Doutor, aqui vem este senhor, que também se entende muito bem.

DOM FUAS: Neste instante chego de fora da terra, quando logo me chamou esta mulher que viesse a ver um enfermo.

DOM LANCEROTE: Já era escudado; porém, entre e sente-se.

DONA CLÓRIS: Nize, Dom Fuas compete nas finezas com D. Gil.

DONA NIZE: Não me pesa.

DOM FUAS: *(à parte)*. Aqueles são D. Gil e Semicúpio; estou ardendo!

SEMICÚPIO: Ah, Senhor, não vêes a D. Fuas também como gente?

DOM GILVAZ: Já sei.

DOM TIBÚRCIO: Ai, minha barriga, que morro! Acuda-me, Senhor Doutor.

SEMICÚPIO: Agora vou a isso: ora, diga-me, que lhe dói?

DOM TIBÚRCIO: Tenho na barriga umas dores mui finas.

SEMICÚPIO: Logo as engrossaremos; e tem o ventre túmido, inchado, e pululante?

DOM TIBÚRCIO: Alguma coisa.

SEMICÚPIO: Vossa mercê é casada, ou solteira?

DOM TIBÚRCIO: Por que, Senhor Doutor?

SEMICÚPIO: Porque os sinais são de prenhe.

DOM LANCEROTE: Não, senhor, que meu sobrinho é macho.

SEMICÚPIO: Dianteiro, ou traseiro?

DOM LANCEROTE: Ui, Senhor doutor! Digo, que meu sobrinho é varão.

SEMICÚPIO: De aço ou de ferro?

DOM LANCEROTE: É homem, não me entende?

SEMICÚPIO: Ora, acabe com isso, eis aqui como por falta de informação morrem os doentes; pois se eu não especulava isso com miudeza, entendendo que era macho, lhe aplicava uns cravos, e se fosse varão, umas limas; e como já sei que é homem, logo veremos o que se lhe há de fazer.

DOM LANCEROTE: Eis aqui como gosto de ver os Médicos assim especulativos.

SEMICÚPIO: Pois o mais é asneira; diga-me mais, ceou demasiadamente a noite passada?

DOM TIBÚRCIO: Tanto como a futura; porque desde que me acabaram as chouriças, que trouxe no alforje, me tem meu tio posto a pão e laranja.

DOM LANCEROTE: Aquilo são delírios, Senhor Doutor.

SEMICÚPIO: Assim deve ser por ainda que não queira, pois conforme ao aforismo: *Cum barriga dolet, caetera membra dolent.*

DOM TIBÚRCIO: Não são delírios, Senhor Doutor, que eu estou em meu juízo perfeito.

SEMICÚPIO: Pior, pois quem diz que tem juízo, não o tem.

DOM LANCEROTE: Senhor Doutor, o homem está alucinado, depois que um fantasma, que saiu de uma caixa, o desancou; e sobre isso a grande pena que tem tomado de umas moças, que aqui introduziu em casa, enganando-as, de cuja insolência se me veio aqui a mãe queixar, que era mulher de bem, ao que parecia.

SEMICÚPIO: Ela é muito criada de vossa mercê.

DOM TIBÚRCIO: Deixemos isso; o caso é que a minha barriga não está boa.

SEMICÚPIO: Cale-se, que ainda há de ter uma boa barrigada; deite a língua fora.

DOM TIBÚRCIO: Ei-la aqui.

SEMICÚPIO: Deite mais, mais.

DOM TIBÚRCIO: Não há mais.

SEMICÚPIO: Essa bastará; é forte linguado! Tem mui boa ponta de língua! Vejam, vossas mercês, Senhores Doutores.

DOM GILVAZ: A língua é de prata.

DOM FUAS: Úmida está bastante.

SEMICÚPIO: Venha o pulso: está intermitente, lânguido, e convulsivo; ó menina, tomou as águas?

SEVADILHA: Ainda não veio o aguadeiro.

SEMICÚPIO: Pergunto se o doente fez a mija?

DOM TIBÚRCIO: Nesta casa não há urinol.

SEMICÚPIO: Pois tome-as ainda que seja numa frigideira em todo o casa, *guia per orinis optime cognoscitur morbus.*

DOM LANCEROTE: Ah, senhores, grande Médico!

DONA NIZE: E D. Fuas como está melancólico! (*Para Dona Clóris*).

DONA CLÓRIS: Estará cuidando na receita.

SEMICÚPIO: Ora, senhores, capitulemos a queixa. Este fidalgo (*se é que o é, que isto não pertence à Medicina*) teve uma colórica procedida de paixões internas; porque o espírito agitado da representação fantasmal e da investida feminil, retraindo-se o sangue aos vasos linfáticos, deixando exauridas as matrizes sanguinárias, fez uma revolução no intestino reto; e como a matéria crassa e viscosa que havia nutrir o suco pancreático, pela sua turgência se achasse destituída do vigor, por falta do apetite famélico, degenerou em líquidos: estes, pela sua virtude acre e mordaz, vilicando e pungindo as túnicas e membranas do ventrículo, exaltaram-se os sais fixos e voláteis por virtude do ácido alcalino, de sorte que fez com que o senhor andasse com as calças na mão toda esta noite: *in calsis andatur, qui ventre evacuar*, disse Galeno.

DOM LANCEROTE: Eu não lhe entendi palavra.

DOM TIBÚRCIO: Eu morro, sem saber de que.

SEMICÚPIO: Conhecida a queixa, votem o remédio, que eu, como mais antigo, votarei em último lugar.

DOM GILVAZ: Eu sou de parecer que o sangrem.

DOM FUAS: Eu, que o purguem.

SEMICÚPIO: Senhores meus, a grande queixa, grande remédio; o mais eficaz é que tome umas bichas nas meninas dos olhos, para que o humor faça retrocesso debaixo para cima.

DOM TIBÚRCIO: Como é isso, de bichas nas meninas dos olhos?

SEMICÚPIO: É um remédio tópico, não se assuste que não é nada.

DOM TIBÚRCIO: Vossa mercê me quer cegar?

SEMICÚPIO: Cale-se aí; quantas meninas tomam bichas, e mais não cegam.

DOM LANCEROTE: Calai-vos, sobrinho, que ele Médico é, e bem o entende.

DOM TIBÚRCIO: Por vida de Dom Tibúrcio, que primeiro há de levar o diabo ao Médico, e à receita, que em tal consinta. (*Ergue-se*).

SEMICÚPIO: Deite-se, deite-se; o homem está maníaco, e furioso.

DOM LANCEROTE: Aquietai-vos, sois alguma criança?

DONA NIZE: Ora Senhores Doutores, já que vossas mercês aqui se acham, bem é que os informemos, eu e minha irmã, de várias queixas que padecemos.

SEMICÚPIO: Inda mais essa? Ora digam.

DONA CLÓRIS: Senhor, o nosso achaque é tão semelhante que com uma só receita se podem curar ambos os males.

DONA NIZE: Não há dúvida que o meu achaque é o mesmo em carne que o de minha irmã.

SEMICÚPIO: Achaque em carne pertence à Cirurgia.

DONA CLÓRIS: Que como dormimos ambas, se nos comunicou o mesmo achaque; e assim, senhor, padecemos umas ânsias no coração, umas melancolias n'alma, uma inquietação nos sentidos, uma travessura nas potencias; e finalmente, Senhor Doutor, é tal este mal, que se sente sem se sentir; que dói sem doer; que abrasa sem queimar; que alegra entristecendo, e entristece alegrando.

SEMICÚPIO: Basta, já sei, isso é mal Cupidista.

DOM LANCEROTE: O que é mal Cupidista, que nunca tal ouvi?

SEMICÚPIO: É um mal da moda.

DONA NIZE: Que remédio nos dão vossas mercês?

DOM FUAS: Eu dissera que o óleo da Manjerona era excelente remédio.

DOM GILVAZ: O verdadeiro para essa queixa são as fumaças do Alecrim.

DOM FUAS: Ui, Senhor Doutor, a Manjerona é um excelente remédio.

DOM GILVAZ: Nada chega ao alecrim, cujas excelentes virtudes são tantas, que para numerá-las não acha número o algarismo: e não faltou quem discretamente lhe chamasse planta bendita.

DOM FUAS: Se entramos a especular virtudes, as da Manjerona são mais que as da erva santa.

SEMICÚPIO: Daqui a pô-la bi altar não vai nada.

DOM FUAS: A Manjerona é planta de Vênus, de cujos ramos se coroa Cupido, e para o mal Cupidista não pode haver melhor remédio, que uma planta de Vênus, pois se notarmos a perfeição com que a natureza a revestiu daquelas mimosas folhinhas, para que todo o ano sejam jeroglífico da imortalidade; aquele suavíssimo aroma, de cuja fragrância, é hidrópico o olfato, ela é a delícia da Flora, o mimo de Abril, e a esmeralda no anel da primavera.

SEMICÚPIO: É verdade; não há dúvida.

DONA NIZE: (*à parte*). Estou tão contente!

DOM GILVAZ: O Alecrim, senhor, pela sua excelência é titular na republica das plantas, cujas flores, depois de serem bela imitação dos cerúleos globos, são a doçura do mundo nos melífluos ósculos das abelhas.

SEMICÚPIO: Todavia a matéria é de *apicibus*.

DOM GILVAZ: Ele é a coroa dos jardins; o lenço vegetável das lagrimas da Aurora; mas chamas é Fênix; nas águas Rainha; e finalmente é o antídoto universal de todos os males, e a mais segura tabua da vida, quando no mar das queixas sopram os ventos inficionados; e para prova deste sistema repetirei traduzido em Português um Epigrama do Proto-Médico Avicena, Poeta Árábico.

Soneto

Um dia para Siques quis amor
Uma grinalda bela fabricar,
E por mais que buscou, não pôde achar
Flor do seu gosto entre tanta flor.

Desprezou do jasmim o seu candor,
E a rosa não quis por se espinhar,
Ao girassol mostrou não se inclinar,
E ao jacinto deixou na sua dor.

Mas tanto que chegou Cupido a ver
Entre virentes pompas o Alecrim,
Num verde ramo pretendeu colher;

Tu só me agradas, disse, pois enfim
Por ti desprezo, só por te querer,
Jacinto, girassol, rosa e jasmim.

DONA CLÓRIS: Viva o Senhor Doutor, eu quero as fumaças do Alecrim.

DOM TIBÚRCIO: E morra o Senhor doente; ai minha barriga!

DOM FUAS: Se versos podem servir de textos, escute uns de um Antagonista desse Autor a favor da Manjerona pelos mesmos consoantes.

Soneto

Para vencer as flores quis amor
Setas de Manjerona fabricar:
Foi discreta eleição, pois soube achar
Quem soubesse vencer a toda a flor.

O jasmim desmaiou no seu candor,
A rosa começou-se a espinhar,
No girassol foi culto o inclinar,
Ais o Jacinto deu de inveja e dor.

Entre as vencidas flores pode ver
Retirar-se fugido o Alecrim,
Que amor para vingar-se o quis colher;

Cantou das flores o triunfo, enfim,
Nem os despojos quis, por não querer,
Jacinto, girassol, rosa e jasmim.

DONA NIZE: Viva o Senhor Doutor, eu quero o remédio da Manjerona.

DOM LANCEROTE: Não cuide que a Manjerona e alecrim tinham tais virtudes. Vejamos agora o que diz o Senhor Doutor.

DOM TIBÚRCIO: Que tenho eu com isso? Senhores, vossas mercês me vieram curar a mim, ou às raparigas? Ai, minhas barrigas!

SEMICÚPIO: Calado estive ouvindo a estes senhores da Escola Moderna, encarecendo a Manjerona e Alecrim. Não há dúvida que *pro utraque parte* há mui nervosos argumentos, em que os Doutores Alecrinistas e Manjeronistas se fundam; e tratando Dioscórides do Manjeronismo e Alecrinismo, assenta de

pedra e cal, que para o mal Cupidista são remédios inanes; porque tratando Ovídio do remédio *amoris*, não achou outro mais genuíno contra o mal Cupidista que o Malmequer, por virtude simpática, magnética, diaforetica, e diurética, com a qual *curatur amorem*. Repetirei as palavras do mesmo Ovídio.

Soneto

Essa, que em cacos velhos se produz
Manjerona misérrima sem flor,
Esse pobre Alecrim, que em seu ardor
Todo se abrasa por sair à luz.

Ainda que se vejam hoje a fluz
Desbancar nas baralhas do amor,
Cuido, que elas o bobo hão de repor,
Se não negro seja eu como uma lapus.

O Malmequer, senhores, isso sim,
Que é flor, que desengana, sem fazer
No verde da esperança amor sem fim.

Deixem correr o tempo, e quem viver
Verá que a Manjerona e o Alecrim,
As plantas beijarão de malmequer.

SEVADILHA: Viva, e reviva o Senhor Doutor, e já que é tão bom Médico, peço-lhe me cure de umas dores tão grandes que parecem feitiço.

SEMICÚPIO: Dá cá as pulseiras. Ah, perra, que agora te agarrei! Tu estás marasmódica, e impiamática. Ah, senhor, logo, logo, antes que se perpetue uma febre podre, é necessário que esta rapariga tome uns semicúpios.

SEVADILHA: Semicúpios eu? É coisa que abomino.

SEMICÚPIO: Eu desencarrego a minha consciência e não sou a mais obrigado.

DOM LANCEROTE: Ela não tem querer, há de fazer o que vossa mercê mandar.

FAGUNDES: Eu também sou de carne, tenho anos, e tenho achaques.

SEMICÚPIO: Pois cure-se primeiro dos anos, logo se curará dos achaques.

FAGUNDES: Não, senhor, que este achaque não é anual, é diário.

SEMICÚPIO: Se fora noturno, não era mau. Pois que achaque é o seu, senhora velha.

FAGUNDES: Que há de ser? É esta madre, que me persegue.

SEMICÚPIO: Ui, você com esses anos ainda tem madre? E o que será de velha a senhora sua madre? Filha, isso não é madre, é avó.

FAGUNDES: Talvez, que por isso tão ragubenta me persiga. E que lhe farei? Senhor Doutor?

SEMICÚPIO: A uma madre velha que se lhe há de fazer? Andar, ponha-lhe óculos e muletas, e deixe-a andar.

DOM LANCEROTE: Isto aqui é um hospital, graças a Deus; só eu nesta casa sou são como um pero, apesar de duas fontes e uma funda.

SEMICÚPIO: Ó ditoso homem, que vive sem males!

DOM TIBÚRCIO: Senhores, o meu mal devia ser contagioso; porque depois da minha doença todos adoeceram. Ai, minha barriga.

DOM LANCEROTE: Pois em que ficamos?

SEMICÚPIO: Senhor meu, falando em termos, o doente sangre-se no pé; vossa mercê, na bolsa; às senhoras suas sobrinhas, três banhos; à moça, semicípios, e à velha lancem-na às ondas, que está danada.

FAGUNDES: Ai, que galante coisa!

DONA CLÓRIS: Eu não quero mais remédio, que os fumos do Alecrim.

DONA NIZE: E eu os da Manjerona.

SEMICÚPIO: Não seja essa a dúvida, ainda que não sou desse voto, contudo cada um é senhor da sua vida e se pode curar como quiser; lá vai a receita.

Canta Semicúpio a seguinte:

Ária

*Si in medicinis
Te visitamus,
Non asniamus,*

*Sed de Alecrinis,
Et Manjeronis
Recipe quantum
Satis aná.*

*Credite mihi,
Qui sum peritus,
Non mediquitus
De cacaracá.*

DOM LANCEROTE: Esperem, senhores, vossas mercês perdoem, lá repartam essa ninharia entre todos que eu não estou aparelhado senão para um.

SEMICÚPIO: Venha embora, que só este é o verdadeiro sintoma da Medicina. (*Vai-se*).

DOM GILVAZ: Ai, Clóris, que quando o mal é de amor, só o morrer é remédio. (*Vai-se*).

DOM FUAS: Finjo que me vou por ver se posso apurar a falsidade de Dona Nize. (*Vai-se*).

DOM TIBÚRCIO: Mande-me cerrar este biombo, que vou entrando em um suor copioso, abafem-me bem.

DOM LANCEROTE: Aqui servia o meu capote: paciência! Vamo-nos, e deixe-mo-lo suar, ninguém lhe fale à mão. (*Vai-se*).

DONA CLÓRIS: Vamos, Nize, a moralizar os extremos destes amantes. (*Vai-se*).

DONA NIZE: Tanto me importa, vamos a regar os nossos craveiros. (*Vai-se*).

FAGUNDES: O diabo de Semicúpio temo, que m'ó meta em um chinelo com seus ardis. (*Vai-se*).

(Entra Dom Fuas)

DOM FUAS: Já todos se foram. Quem me dera encontrar a esta tirana, cruel, falsa, inimiga.

(Entra Fagundes)

FAGUNDES: Dom Tibúrcio fica a suar como um cavalo. Mas, ai! Quem está aqui?

DOM FUAS: Sou eu, Senhora Fagundes, não se assuste.

FAGUNDES: Senhor, que temeridade é esta? Vossa mercê não vê que ainda é lusco-fusco? Como, sem deixar anoitecer, penetra esta parede aonde até o Sol entra às furtadelas?

DOM FUAS: Não reparei que ainda era dia; pois no abismo de meu ciúme sempre estou às escuras. Aonde está esta cruel Dona Nize?

FAGUNDES: Estará no jardim.

DOM FUAS: Pois vamos lá, e de caminho quero me vá dizendo de meter-me na caixa a mim e a D. Gil.

FAGUNDES: Vamos, que eu lhe contarei o que foi; ande por aqui com pés-de-lã. Ai, Senhor Dom Fuas, quanto me deve!

CENA VI

Vista de quintal, em que haverão alguns alegretes, e uma capoeira; e vem Dom Gilvaz, e Semicúpio descendo por uma corda.

DOM GILVAZ: Semicúpio, deixa-me descer eu primeiro, para que se não quebre a corda com o peso de ambos.

SEMICÚPIO: Agarre-se bem à corda, e deixe-se escorregar.

DOM GILVAZ: Ora, já cá estou; mas eu não paro aqui, até encontrar com Dona Clóris. *(Vai-se).*

(Entra Dom Lancerote)

DOM LANCEROTE: Este quintal é o meu divertimento, e encanto; um homem aqui assentado e tomando o fresco, não há maior regalo.

SEMICÚPIO: Agora já poderei descer afoitamente.

DOM LANCEROTE: Que é isto que cai sobre mim? Quem me acode?

(Ao descer Semicúpio cai sobre Dom Lancerote)

SEMICÚPIO: *(à parte).* Não é nada, escarranchei-me no velho cuidando que era poial; estou bem aviado!

DOM LANCEROTE: Mas que vejo? Aqui d'El-Rei, ladrões!

SEMICÚPIO: Não o disse eu?

DOM LANCEROTE: Ladrão, velhaco, tu, descendo por um corda os altos muros de meu quintal? Pois com essa mesma corda te atarei de pés e mãos, até que amanheça, para entregar-te à justiça.

SEMICÚPIO: É bem feito, já que eu mesmo dei a corda para me enforcar.

DOM LANCEROTE: Dá cá os braços.

SEMICÚPIO: Já está meu amigo? Quer-me abraçar?

DOM LANCEROTE: Anda cá, ladrão, mostra cá os pulsos.

SEMICÚPIO: Não tenho febre.

DOM LANCEROTE: Dize, a que vieste a este quintal?

SEMICÚPIO: Ora, senhor, ate-me muito embora mas não me aperte por isso.

DOM LANCEROTE: Por isso é que eu te aperto; hás de confessar a que vieste.

SEMICÚPIO: (*à parte*). Eu estou atado, não sei o que lhe responda.

DOM LANCEROTE: Qual foi a fim que aqui te trouxe?

SEMICÚPIO: A dar fim à minha vida, por dar princípio à minha morte por meios desta corda, que falsa me entregou nas mãos de vossa mercê.

DOM LANCEROTE: Vieste roubar-me, não é verdade?

SEMICÚPIO: Sim, senhor, mas foi a roubar-lhe as atenções.

DOM LANCEROTE: Anda, ladrãozinho, para a capoeira donde ficarás atado.

SEMICÚPIO: Para onde, senhor?

DOM LANCEROTE: Para a capoeira até que venha o Sol a ser testemunha do teu latrocínio.

SEMICÚPIO: Pois vossa mercê quer encapoeirar-me? Graças a Deus que não sou cá nenhuma galinha, mas sabe por que fala? Porque me acha atado, quando não havíamos jogar as cristas.

DOM LANCEROTE: Anda, ladrão, que aqui ficarás até amanhecer. (*Vai-se*).

SEMICÚPIO: Ora, criado Senhor SEMICÚPIO: já sabemos que isto é meio caminho andado para a forca; mas é bem feito, que isto a mim me suceda. Que tinha eu cá com D. Gil? Pois para que ele fosse galo, me vejo eu feito galinha, se bem que já podia ser frango pelo esfrangalho; o magano estará a estas horas entre glórias, e eu entre penas; ele voando na esfera de amor, e eu de asa caída na gema dos ovos.

(*Entra Fagundes*)

FAGUNDES: Que mais me falta para fazer? Eu já fiz a cama a todos; já fiz a salada de ramos para cearmos; já temperei as gaitas para o galego; já assei o fricassé; já cozi um guardanapo; agora me falta deitar os arenques de molho, para ficar com as mãos lavadas. Ora sou uma tonta, esquecia-me o melhor, que é matar uma galinha para o doente, e mais trazia a faca na mão para isso.

SEMICÚPIO: Eu o estava dizendo; grande desgraça é ser um homem galinha, pois até de uma mulher tem medo.

FAGUNDES: Mas confesso que não sou para ver sangue, que logo desmaio; porém eu fecho os olhos, e meto a faca, que alguma ficará espichada.

SEMICÚPIO: Oh, mulher! Deus te tire isso do pensamento.

FAGUNDES: Qual! Eu sou muito melindrosa e pusilânime; não tenho valor para matar uma formiga. Ora lá vai a Deus, e à ventura.

SEMICÚPIO: Sem falência eu morro de morte galinhal: não há mais remédio que falar à velha; mas se lhe falo é capaz de acordar o cão do velho, que está dormindo, e encerra-me em parte mais apertada; não sei o que faça; pois tal estou, que se a velha me mata, não tenho no corpo pinga de sangue para deitar.

FAGUNDES: Para que é cansar, eu não sou sanguinolenta.

(*Entra Sevadilha*)

SEVADILHA: Fagundes, o senhor está desesperado por você; que faz aí?

FAGUNDES: Já que vieste, matarás uma galinha, que eu não me atrevo. (*Vai-se*).

SEMICÚPIO: Lá vem a SEVADILHA: ora, o certo é que donde a galinha tem os ovos aí se lhe vão os olhos.

SEVADILHA: Aborrece-me gente melindrosa; vejam agora que dó pode haver de matar um animal? Verão como eu faço isto brincando.

SEMICÚPIO: Não são bons brinco esses, Sevadilha; mas se tu já me tens morto, para que me queres tornar a matar?

SEVADILHA: Ai, que estamos em tempo que falam os animais! Este pela voz é Semicúpio.

SEMICÚPIO: Eu sou que te falo de papo; é o teu Semicúpio que está feito semi-galo.

SEVADILHA: Quem te meteu aí?

SEMICÚPIO: O velho, por eu ser metediço.

SEVADILHA: Pois como foi?

SEMICÚPIO: Já me não lembro, que eu tenho memória de galo.

SEVADILHA: anda cá para fora.

SEMICÚPIO: Não posso, sem tu me enxotares daqui.

SEVADILHA: Como não podes, se eu sei que muito pode o galo no seu poleiro?

SEMICÚPIO: Isso seria se o velho me não desasara.

SEVADILHA: Não sabes o bem que me pareces nessa capoeira! Estás guapo! Estás França!

SEMICÚPIO: Sim, estou França, porque estou feito galo.

SEVADILHA: Pois dá-me das tuas penas para um regalo.

SEMICÚPIO: Pois tu te regalas com as minhas penas?

SEVADILHA: Não, mas folgo de ver-te feito alam em pena.

SEMICÚPIO: Que fará, se souberas, que estou todo coberto de penas vivas?
Ora, anda Sevadilha, tira-me de mais penas.

Cantam Semicúpio e Sevadilha a seguinte

Ária

SEVADILHA:

Meu frangínho

Topetudo

Como é galantinho!

Que lindo que está?

SEMICÚPIO:

Minha bela

Malfazeja,

Caí na esparrela,

Liberta-me já.

SEVADILHA:

Coitada da pila,

Pila, pila, pila,

Que te hão de pilar.

SEMICÚPIO:

Acode-me, filha.

Que estou, há meia hora

A cacarejar.

AMBOS:

Que triste cantar

É o cacarejar!

SEVADILHA:

Mas não te agastes,

Que eu vou-te a soltar.

SEMICÚPIO:

Vem já, que não posso

Mais tempo penar.

AMBOS:

Que é pena, que é magoa,

Que uma ave de pena

Não possa voar.

SEMICÚPIO: Anda, deita-me pela porta Dora, ainda que seja aos coices. (*Vai-se*).

SEVADILHA: Ora vamos. (*Vai-se*).

(*Entra Dom Fuas*)

DOM FUAS: Para este quintal, ou jardim, ou o que for, me disse Fagundes viera Dona Nize a regar a sua Manjerona; mas enquanto ela não vem, me esconderei atrás deste canteiro de Alecrim, pois de Manjerona não quero auxílios, para encobrir-me de argentados esplendores da Lua, que tão clara se ostenta esta noite, talvez avisando-me na clara inconstância de seus raios a variedade de Dona Nize.

(Esconde-se da banda do Alecrim)

(Entra Dom Gilvaz)

DOM GILVAZ: Grande temeridade, dói a minha, pois sem avisar a Dona Clóris me expus a penetrar os quartos desta casa, com o perigo de me encontrar Dom Lancerote; mas, sem dúvida, Clóris virá a este seu jardim a namorar o seu Alecrim; e assim escondido nas sobras destas plantas... Mas ai que é Manjerona! Perdoa, Clóris, que esta ação dói um acaso e não eleição. *(Esconde-se da banda da Manjerona)*.

Entram Dona Nize e Dona Clóris, cada uma pela sua parte com aguadores na mão, regando, e cantando o seguinte:

DONA NIZE:

Sois no céu de Flora,
Manjerona bela,
Não só verde estrela,
Mas luzida flor.

DONA CLÓRIS:

Alecrim florido,
Que de Abril na esfera
Sois na primavera
Fragrante primor.

AMBAS:

Esta pura neve,
Que tributa Flora,
São risos da Aurora,
E lagrimas de amor.

Recitado

DONA NIZE:

Mas que vejo? *(Ai de mim!)* quem arrogante,
Da Manjerona usurpa o ser fragrante?

DOM GILVAZ:

Quem, ó Nize, escondido amante espera
O Sol que adoro nesta verde esfera? (*Sai*).

DOM FUAS:

Pois, traidor, como assim tirano intentas,
Roubar-me a Nize, que meu peito adora? (*Sai*).

E tu, falsa inimiga. Mas ai triste,
Que mal a tanta pena a dor resiste!

DONA CLÓRIS:

E tu, falso Dom Gilvaz, que em torpe insulto
Buscas a Manjerona amante oculto,
Deixa-me, fementido...

DOM GILVAZ:

Atende, ó Clóris,
Que sem causa fulminas teus rigores,
Quando em puros ardores
Nas chamas do Alecrim feliz me abraço.

DONA NIZE:

Sem motivo, Dom Fuas, me criminas; porque eu firme...

DOM GILVAZ:

E eu constante...

Dom Gilvaz e DONA NIZE:

Fiel te adoro, e te busco amante.

Ária A 4

DOM GILVAZ:

Atende, ó Clóris, atende
Verdades de quem sabe
Ser firme em te adorar.

DONA CLÓRIS:

Suspende, infiel, suspende
Injúrias de quem sabe
Jamais te acreditar.

DOM FUAS:

Nize ingrata, infiel amigo,
Cesse a bárbara indecência,
Que a evidencia
Não se pode equivocar.

Dom Gilvaz e DONA NIZE:

Pois tu só querida prenda.

Dom Fuas e DONA CLÓRIS:

Já não creio os teus enganos.

Dom Gilvaz e DONA NIZE:

Nas purezas de meu peito

Felizmente viverás.

Dom Fuas e DONA CLÓRIS:

Nos rigores de meu peito

Teu castigo encontrarás.

TODOS:

Mas, ó cego amor tirano,

Como posso em tanto dano

Teu estrago idolatrar?

(Entra Fagundes)

FAGUNDES: Já acabaram de cantar? Pois agora entrem a chorar.

DONA CLÓRIS: Por que, Fagundes?

FAGUNDES: Porque o senhor seu tio diz que logo vem ao quintal, afirmando que há ladrões em casa, e diz que se não há de deitar esta noite ainda que faça rosa divina.

DOM GILVAZ: Aonde estará Semicúpio?

FAGUNDES: Não aparece; senhores, escondam-se e não digam ao depois, que duro foi, e mal se cozeu.

DONA NIZE: Metam-se nesta capoeira entretanto.

DOM GILVAZ: E que remédio, já que Semicúpio não aparece?

DOM FUAS: A necessidade sabe unir a quem se deseja separar. Nize cruel, eu me escondo na capoeira, que só o lugar das penas é o centro de um amante infeliz. *(Mete-se na capoeira)*.

DOM GILVAZ: Quem serve a Cupido, às vezes é leão, às vezes galinha. *(Mete-se na capoeira)*.

FAGUNDES: Ah, senhores, não me esmaguem os ovos de uma galinha que aí está de choco.

(Entram Dom Tibúrcio e Sevadilha)

SEVADILHA: Senhor, não me persiga: olhem o diabo do homem!

DOM TIBÚRCIO: Aí no quintal te quero. Mas aqui está Clóris, e Nize, remediarei o negócio. Esta moço faz zombaria de mim; deixa-me tu casar, que eu te porei a caminho.

DONA CLÓRIS: Que é isso, Primo? Como, estando doente, e tão perigoso, vem a estas horas as sereno?

DOM TIBÚRCIO: Que há de ser, se vocês não sabem ensinar esta rapariga, pois nada lhe digo que não faça às avessas? De sorte que me fez vestir e sair atrás dela, como desesperado das perrices que me faz.

DONA NIZE: Tu não queres, Sevadilha, senão ser descortês a meu Primo?

FAGUNDES: Vossas mercês não querem crer que se há de fazer desta moça a peste, fome e guerra.

SEVADILHA: Para que estamos com arcas encouradas? O Senhor Dom Tibúrcio anda-me ao sucário, e não me deixa uma hora, nem instante.

DOM TIBÚRCIO: Cale-te, mentirosa.

FAGUNDES: Isso tem ela que levanta um testemunho como quem levanta uma palha.

DONA CLÓRIS: Não nos importa essa averiguação; só digo, Senhor Dom Tibúrcio, que parece muito mal estar vossa mercê aqui conosco a estas horas, e que pode vir meu Tio e achar-nos com vossa mercê; que suposto seja primo e com tentações de noivo, sempre o recato e decência se deve conservar, e assim lhe pedimos em cortesia se vá para o seu quarto.

SEVADILHA: Ande, vá despejando o beco.

DOM TIBÚRCIO: Nem eu quisera que meu Tio me achasse aqui por nenhum modo. Mas coitado de mim, que ele lá vem! Tomara que me não visse.

SEVADILHA: Pois esconda-se nessa capoeira.

DOM TIBÚRCIO: Dizes bem.

DONA CLÓRIS: Estás louca, Sevadilha? Meu Primo há de se lá meter numa capoeira? Isso não.

DOM TIBÚRCIO: Não importa que para conservar o seu recato me meterei na parte mais imunda.

DONA NIZE: Estamos perdidas, que lá se encontra com os dois! Que fizeste, maldita?

SEVADILHA: Eu bem sei o que fiz: verãõ que peça lhe prego.

DOM GILVAZ: Este dever ser Semicúpio. És tu Semicúpio?

DOM TIBÚRCIO: Qual Semicúpio? Sou uma Semibala para ele: quem está aqui? Ó Sevadilha, abre-me a porta que eu quero sair, corra a água por onde correr.

SEVADILHA: Cale-se que aí vem o velho.

DOM FUAS: Que tal me suceda!

DOM GILVAZ: Estou tremendo!

Dona Nize e DONA CLÓRIS: Estamos perdidas!

(Entram Dom Lancerote com uma luz na mão, e Semicúpio vestido de Ministro com vara na mão).

SEMICÚPIO: Não se assustem, minhas senhoras, que isto não é mais que uma diligência.

DOM LANCEROTE: Vossa mercê poupou-me o trabalho de o ir procurar de manhã para lhe entregar um ladrão que tenho preso naquela capoeira.

SEMICÚPIO: A isso mesmo venho, que já tive quem disso me avisasse.

DONA NIZE: *(à parte)*. Que será isto?

DONA CLÓRIS: *(à parte)*. São infortúnios meus.

FAGUNDES: *(à parte)*. Demos com o pé na peia.

SEVADILHA: *(à parte)*. Folgo por amor de Dom Tibúrcio.

SEMICÚPIO: Hoje todos hão de mamar o chasco, que a ninguém me hei de dar a conhecer. Ora, meu senhor, como foi este caso?

DOM LANCEROTE: Suponha vossa mercê que acabada uma junta de Médicos, que vieram assistir a meu sobrinho, sendo já quase noite, estando eu assentado

junto daquela Manjerona, que não me deixará mentir, veio descendo um homem por uma corda, e cuidando que eu era poial, me pôs o pé no cachaço.

SEMICÚPIO: Isso foi o mesmo que pôr-lhe o pé no pescoço: não há maior desaforo.

DOM LANCEROTE: Assustei-me, não há dúvida, quando me vi daquela sorte oprimido; mas, tornando a mim, fui sobre ele e conhecendo que era ladrão, o prendi nessa capoeira donde a perspicaz diligência de vossa mercê saberá melhor obrar do que eu falar.

SEMICÚPIO: E como conheceu vossa mercê que era ladrão?

DOM LANCEROTE: Pela cara, que era a mais horrenda que meus olhos viram.

SEMICÚPIO: (*à parte*). Estou já desenganado que sou feio.

DOM LANCEROTE: Ande vossa mercê e verá.

SEMICÚPIO: Ah, sô ladrão, saia cá para fora.

DOM FUAS: Vossa mercê vem enganado, porque eu (*Entra*) há maior desgraça! Sou um homem bem nascido.

SEMICÚPIO: (*à parte*). É Dom Fuas, quem me dera ver a D.Gil, que é o que cá me traz.

DOM LANCEROTE: Senhor, este não é o ladrão que eu encerrei.

SEMICÚPIO: (*à parte*). Já que vê este não é tão feio como vossa mercê diz; vejamos se está lá mais algum? Oh, cá está mais outro; *venite ad cam para foram*. Ai, que é D. Gil! Já estou descansado.

DOM LANCEROTE: Também não é este o ladrão, que eu aqui encerei.

DOM GILVAZ: Claro está que não sou eu, pois eu graças a Deus não necessito de furtar.

DOM LANCEROTE: E que faziam vossas mercês aqui, se não eram ladrões?

SEMICÚPIO: Essa inquirição me pertence a mim que sou juiz privativo desta causa; e vossa mercê, meu amo, não se costume a mentir aos Ministros de vara grossa, dizendo-me que o ladrão era feio e horrendo, quando vemos que estes senhores são mui bem estreados.

DOM LANCEROTE: Senhor Juiz, por vida minha, que era o mais feio homem que vi em meus dias.

SEMICÚPIO: Cale-se, não minta, que o hei de mandar carregar de ferros.

DOM LANCEROTE: Ora, senhor, torne vossa mercê a ver a capoeira, que assim como achou dois, que eu não meti, talvez que ache o que eu encerrei.

SEMICÚPIO: Já não tenho mais que buscar.

DOM LANCEROTE: Faça-me esse gosto que pode lá estar ainda mais algum.

SEVADILHA: Isso que se perde? Veja, Senhor Doutor.

SEMICÚPIO: Bem sei que vou de balde, mas eu vou: mas, não, entre vossa mercê, que me não quero encher de piolhos; ande, que lhe dou patente de quadrilheiro.

DOM LANCEROTE: Eu vou, que quero agora apurar este enigma. Ai, que ele aqui está! Não o disse eu?

SEMICÚPIO: Traga-o cá para fora.

DOM LANCEROTE: Ei-lo aqui. Mas, que vejo! Não sois vos, meu Sobrinho.

DOM TIBÚRCIO: Eu sou, por meus pecados.

DOM LANCEROTE: Eu estou besta em besta.

SEMICÚPIO: Este sim, que é o ladrão, que tem horrendíssima cara; todos três venham comigo.

DONA NIZE: (*à parte*). Ai, Dom Fuas, que estou sem alma!

DONA CLÓRIS: (*à parte*). Ai, Dom Gil, que estou sem vida!

DOM LANCEROTE: Senhor, advirto que este é meu sobrinho.

SEMICÚPIO: Por ser seu sobrinho, não pode ser ladrão?

DOM LANCEROTE: Senhor, ele mal podia descer pela corda, pois estava doente de cama.

SEMICÚPIO: Pois acaso ele dorme na capoeira?

DOM LANCEROTE: Não senhor.

SEMICÚPIO: Se não dorme, que fazia nela feito *socius criminis* destes dois machacazes?

DOM LANCEROTE: Sobrinho, a que vieste à capoeira?

DOM TIBÚRCIO: Eu, senhor, estando...

SEMICÚPIO: Chitom, não me usurpe a jurisdição; já disse que estas averiguações só a mim me pertencem: vamos andando *ad cagarronem*.

DOM LANCEROTE: Não importa: ide, sobrinho, que Deus é grande.

DOM TIBÚRCIO: A minha inocência me livrará.

DOM LANCEROTE: Como é a sua graça, meu senhor?

SEMICÚPIO: O Bacharel *Petrus in cunctis*, Juiz de fora daqui com alçada na vara até o ar.

DOM LANCEROTE: Pois, Senhor Bacharel *Petrus in cunctis*, saiba vossa mercê de caminho, que também me furtaram um capote de Saragoça em muito bom uso.

SEMICÚPIO: Capote de Saragoça é caso de devassa: notificados vossas mercês todos para que em amanhecendo venham jurar à minha cada sobre este furto.]

DOM LANCEROTE: E aonde mora vossa mercê?

SEMICÚPIO: Junto a um Dom Gilvaz, que mora...

DOM LANCEROTE: Já sei, eu perguntarei.

SEMICÚPIO: Pois lá estará quem lhe responda.

DOM GILVAZ: (*à parte*). Ai, que é Semicúpio! Agora repar, já estou sem susto.

SEMICÚPIO: Vamos: amanhã todos à minha casa, sob pena de prisão.

DOM FUAS: Ai, Nize, que as tuas falsidades me puseram neste estado!

DOM TIBÚRCIO: Tio, trate logo de soltar-me. (*Vai-se*).

DOM GILVAZ: Quem não deve, não teme. (*Vai-se*).

DOM LANCEROTE: Que mal sossegarei esta noite, indo preso meu sobrinho, e não aparecer o ladrão que eu prendi! Não há homem mais desgraçado! (*Vai-se*).

DONA NIZE: Tal estou de sentimento que até me faltam as lágrimas para o alívio. (*Vai-se*).

FAGUNDES: Eis aqui os Alecrins de Manjeronas: coisas de ervas é pra bestas. (*Vai-se*).

SEVADILHA: E de que escapou Semicúpio! Também alguma boa alma rezou por ele. (*Vai-se*).

DONA CLÓRIS: Ai, D. Gil, que a tua desgraça será a causa de minha morte! (*Vai-se*).

CENA VII

Sala, em que haverá um bufete, tinteiro, papel, pena e cadeiras; e entram Dom Gilvaz, e Semicúpio vestido ainda de Juiz.

DOM GILVAZ: Não te perdôo o susto que me fizeste levar.

SEMICÚPIO: Nem eu o chasco da capoeira que me fez sofrer.

DOM GILVAZ: E por que não soltas a Dom Fuas e a Dom Tibúrcio que estão fechados naquele quarto escuro?

SEMICÚPIO: Não poderei também ter meus segredos sem que ninguém o saiba? O certo é que como os trouxemos às escuras entendem fixamente que estão em rigorosa prisão. Mas, aí vem gente e vossa mercê faça vezes de Escrivão.

DOM GILVAZ: Aí parou uma sege: se serão elas?

SEMICÚPIO: Lá está quem as há de encaminhas; *sedete*, que aí vem subindo a primeira testemunha.

(Entra Dom Lancerote)

DOM LANCEROTE: Senhor, aqui estamos todos à ordem de vossa mercê.

SEMICÚPIO: Venham entrando um a um.

DOM LANCEROTE: Pois, senhor, lembre-se do meu capote.

SEMICÚPIO: Eu já tenho tomado isso a mim; vá descansado que eu puxarei bem pela justiça e farei quanto ela der de si.

DOM LANCEROTE: Não tenho mais que dizer. *(Vai-se)*.

DOM GILVAZ: Homem, tu me tens atônito com as tuas indústrias!

SEMICÚPIO: Bem é que as reconheças; ah, senhor, esteja de meio perfil, para que o não conheça Dona Nize, que lá vem.

(Entra Dona Nize)

DONA NIZE: Venho morta: nunca em tal me vi!

SEMICÚPIO: Uma vez é a primeira: sente-se, minha senhora, desabafe-se, suponha que está em sua casa.

DONA NIZE: Ai, senhor, não sei que respeito infunde a cada de um Juiz, que faz titubear o mais valente coração!

SEMICÚPIO: E mais eu, que pareço um Papiniano assanhado¹ diga o seu nome: vá lá escrevendo, Senhor Escrivão.

DONA NIZE: Chamo-me Dona Nize Silvia Rufina Fábila Anarda, e ...

SEMICÚPIO: Basta, senhora, e pode vossa mercê com todos esses nomes?

DONA NIZE: Ainda faltam quatorze.

SEMICÚPIO: Visto isso, é vossa mercê a mulher mais nomeada que há no mundo. Que idade tem?

DONA NIZE: Quinze anos escassos.

SEMICÚPIO: Liberal andou a natureza; em tão poucos anos tanta perfeição! E do costume?

DONA NIZE: Não entendo.

SEMICÚPIO: Ponha lá que do costume jejua. Sabe quem furtou aquele capote ao senhor seu tio?

DONA NIZE: Presumo que foi um criado de D.Gil, que entrou disfarçado a vender Alecrim.

SEMICÚPIO: Tenho largas notícias desse criado, e me dizem que é ardiloso *quantum satis*.

DONA NIZE: Isso é pasmar!

SEMICÚPIO: E sabe se aqueles homens da capoeira seriam ladrões?

DONA NIZE: Não, senhor, porque um era D. Gil, e outro Dom Fuas, que ambos...

SEMICÚPIO: Diga, não se faça rabicunda.

DONA NIZE: Senhor, os ditos homens vieram por causa do amor; e como veio meu tio, se esconderam na capoeira.

SEMICÚPIO: Rapaziadas. Ora, ande, vá-se aí para dentro e não faça outra: seja sisuda e virtuosa, que assim manda o direito, *honestè vivere*.

DONA NIZE: À obediência de vossa mercê. (*Vai-se*).

DOM GILVAZ: Homem, acabemos com isso, venha Dona Clóris, por quem estou suspirando.

(*Entra Fagundes*)

FAGUNDES: Muito bons dias, meu senhor.

SEMICÚPIO: Chegue-se para cá; olhe para mim, vossa mercê a meu ver tem cada de testemunha falsa, ou eu me enganarei.

FAGUNDES: Serei o que vossa mercê quiser.

SEMICÚPIO: Como se chama.

FAGUNDES: Ambrósia Fagundes Birimboa Franchopana e Gregotil.

SEMICÚPIO: Isso são nomes ou alcunhas?

FAGUNDES: Será o que vossa mercê for servido.

SEMICÚPIO: Casada ou solteira?

FAGUNDES: Nem casada, nem solteira, assim, assim.

SEMICÚPIO: Assim como?

FAGUNDES: É que tenho o marido no Brasil há quarenta e sete anos.

SEMICÚPIO: De que anos casou?

FAGUNDES: De quarenta justos, que os fui fazer à porta da Igreja.

SEMICÚPIO: Que anos tem?

FAGUNDES: Vinte e cinco bem puxados.

SEMICÚPIO: Não é nada, casou de quarenta, tem o marido no Brasil há quarenta e sete anos, e diz que tem vinte e cinco de idade! Vá-se daí bêbada, falsária, que a hei de amarrar a uma escada, e deitá-la por essa janela fora.

FAGUNDES: Eu não sei contar, senão pelos dedos: ouça vossa mercê que eu quero dar a minha quartada.

SEMICÚPIO: A quartada dei eu: ande; ande, não cuide que se há de lavar com uma bochecha d'água; vá-se para dentro.

FAGUNDES: Eu vou rebolindo. (*Vai-se*).

(*Entra Sevadilha*)

SEVADILHA: Sou criada de vossa mercê.

SEMICÚPIO: Ai, que já a justiça começa a abrir os olhos para ser a Sevadilha! Eu encosto a vara que estou varado. Menina, como é o seu nome?

SEVADILHA: Sevadilha, sem mais nada.

SEMICÚPIO: Que anos tem?

SEVADILHA: Sete mui fanados.

SEMICÚPIO: Só sete? Não sois má cartinha para um sete levar. Casada ou solteira?

SEVADILHA: Estou para casar com um criado daqui do seu vizinho, D. Gil, que ainda que feio é mui carinhoso.

SEMICÚPIO: Esse foi o que furtou o capote a seu amo?

SEVADILHA: Este mesmo.

SEMICÚPIO: Logo é ladrão?

SEVADILHA: É o vício que tem, que se não fora isso era um moço perfeito.

SEMICÚPIO: Ai, Sevadilha, que esse ladrão...

SEVADILHA: Que tem, meu senhor?

SEMICÚPIO: Nada, nada: e por um triz que não deponho a judicatura e perco o júizo: assina-te aqui em branco, que eu estou pelo que disseres.

SEVADILHA: Eu não sei escrever.

SEMICÚPIO: Porém, sabes muita letra: vai-te aí para dentro. A rapariga me pôs a ver jurara testemunhas.

SEVADILHA: Eu já vi uma cara que se parecia com a deste Juiz. (*Vai-se*).

SEMICÚPIO: Entre quem falta.

DOM GILVAZ: Resta Dona Clóris; Semicúpio, perdoa que hei de falar-lhe.

SEMICÚPIO: Faça o que lhe digo, e não tenha graças comigo.

DOM GILVAZ: Como estás inchado!

SEMICÚPIO: Se queres ver o vilão, mete-lhe a vara na mão.

(*Entra Dona Clóris*)

DONA CLÓRIS: Senhor Juiz, logo declaro que eu de furtos não sei nada, e só que D. Gil foi um dos da capoeira, e está inocente, porque...

DOM GILVAZ: Porque foi preciso obedecer-te, querida Clóris.

DONA CLÓRIS: Que vejo! D. Gil? Cobre alentos o meu coração.

DOM GILVAZ: Não te admires dos sucessos de meu amor que os influxos do teu Alecrim sabem triunfar dos maiores impossíveis.

SEMICÚPIO: Aliás, que um Semicúpio sabe fazer possíveis as maiores dificuldades. Aí tem, Senhor D. Gilvaz, o seu bem de portas a dentro; tenho cumprido a minha palavras e, se não está bem servido, busque quem o faça melhor.

DONA CLÓRIS: Uma vez que me vejo em tua casa, não porei mais em contingências a minha fortuna.

SEMICÚPIO: Isso mesmo; quem disse casa, casa.

(Entra Dom Lancerote)

DOM LANCEROTE: Que é isto, Senhor Doutor? As testemunhas vêm e não tornam?

SEMICÚPIO: Já está concluída e sentenciada a devassa.

DOM LANCEROTE: Quem são os culpados?

SEMICÚPIO: As Senhoras suas sobrinhas, que são umas finas ladras.

DOM LANCEROTE: Minhas sobrinhas, ladras? De que sorte?

SEMICÚPIO: Desta sorte; vamos saindo cá para fora. *(Vai Semicúpio trazendo a todos para fora, e diz o seguinte)*. Porque vistos estes sucessos, consta que a Senhora Dona Nize furtou o coração de Senhor Dom Fuas, e a Senhora Dona Clóris o de D. Gil; e assim é de razão que lho restituam, casando com eles; porque no matrimonio se entregam os corações com as vontades.

DOM FUAS: Em cumprimento da sentença, eu a executo pela minha parte igualmente alegre e admirado desta rara inventiva de Semicúpio.

DONA NIZE: É de justiça esta ação: que alegria!

DOM GILVAZ: Dona Clóris, dá-me o coração, que me tens, na mão que te peço.

SEMICÚPIO: Isso é falar com o coração nas mãos. Senhora Dona Clóris, case-se mas não se arrependa.

DONA CLÓRIS: Senhor D. Gil, o meu coração lhe entrego em recompensa do que lhe roubei, se acaso é furto o que se dá por vontade.

SEMICÚPIO: Dom Tibúrcio, tenha paciência e pague as custas de permeio com o Senhor Dom Lancerote, já que foram tão basbaques que se deixaram enganar de mim. Semicúpio, tantos de tal mês, etc.

DOM TIBÚRCIO: Senhor tio, seja-lhe par abem, que aqui já não há para onde apelar.

DOM LANCEROTE: Nem eu me posso agravar quando o matrimonio é o ditoso fim destes excessos.

SEVADILHA: Quem casa a tantos, por que se não casa a si?

SEMICÚPIO: Não me fales em remoques; já sei, Sevadilha, que queres casar comigo; e pois a sentença passou em coisa julgada, demos as mãos e a boa vontade.

SEVADILHA: Oh, discreta mão, que escreveu tal sentença!

FAGUNDES: E que há de ser de mim, Semicúpio, que neste negócio também dei minha penada?

SEVADILHA: Em vindo a frota, virá teu marido.

DOM GILVAZ: E pois te consegui, galharda Clóris, publique a fama os vivos do Alecrim, que triunfou de tantos impossíveis.

DOM FUAS: Tende mão, que não é justo que roubeis a Manjerona a parte, que lhe toca no aplauso que merece; pois à sombra de suas folhas conseguistes muita parte da dita, que possuis.

FAGUNDES: Isso é verdade; senão diga-o a escada e a caixa.

DOM TIBÚRCIO: Foi boa caixa.

DOM GILVAZ: Que importa que a Manjerona abra os caminhos aos favores, se a Alecrim serenava as tempestades na tormenta dos enleios?

SEMICÚPIO: E senão diga-o também o fogo selvagem, a Medicina, a Ministrice, e a mãe de duas filhas.

DOM TIBÚRCIO: Pois que vai, senhor tio? É bico ou cabeça?

DOM LANCEROTE: Paciência por força.

DONA CLÓRIS: Não se pode negar que venceu o meu Alecrim, pois ele tocou a meta, pondo fim a nossos desejos.

DONA NIZE: A Manjerona só merece aplausos, porque deu princípio a este fim.

SEMICÚPIO: Então, visto isso, venceu o Malmequer pois ele dói o meio entre o princípio da Manjerona, e o fim do Alecrim.

SEVADILHA: Pois viva o Malmequer.

DOM GILVAZ: Tenho dito, venceu o Alecrim.

DOM FUAS: Se a eficácia das razões não basta a convencer-vos, esta espada fará confessar o triunfo da Manjerona.

SEMICÚPIO: Deixe estar a folha, que as da Manjerona não são o Alcorão de Mafoma, para que se defendam à ponta de espada; e pois, estou feito Juiz, pela autoridade que tenho declarado que ambas as plantas venceram o pleito pois cada uma fez quando pôde; e para que se acabem essas guerras do Alecrim e Manjerona, mando que os dois ranchos façam as pazes e se ponha perpétuo silêncio nesta matéria, sob pena de serem assuntos de minuetos e andarem por boca de Poetas, que é pior que pelas bocas do mundo.

Todos: Pois viva o Alecrim, e viva a Manjerona.

SEMICÚPIO: E viva todo o bicho vivo.

DOM LANCEROTE: Vivamos todos, meu Sobrinho.

DOM TIBÚRCIO: Essa é a verdade.

SEMICÚPIO: E como não há triunfo sem aclamação, enquanto o Coro não principia a festejar este aplauso, coroemos esta obra com as ramos de Manjerona e Alecrim.

Coro

DONA NIZE e DOM FUAS:

Viva a Manjerona

Perpétua no durar.

DONA CLÓRIS e DOM GILVAZ:

Viva o Alecrim

Feliz no florescer.

TODOS:

Viva a Manjerona

Viva o Alecrim

Pois que um soube vencer,

E a outra triunfar.

DONA NIZE e DOM FUAS:

No tempo do Cupido

Troféu de amor será.

DONA CLÓRIS e DOM GILVAZ:

Nas aras da fineza

Em chamas arderá.

TODOS:

Viva a Manjerona

Viva o Alecrim

Pois que um soube vencer,

E a outra triunfar.